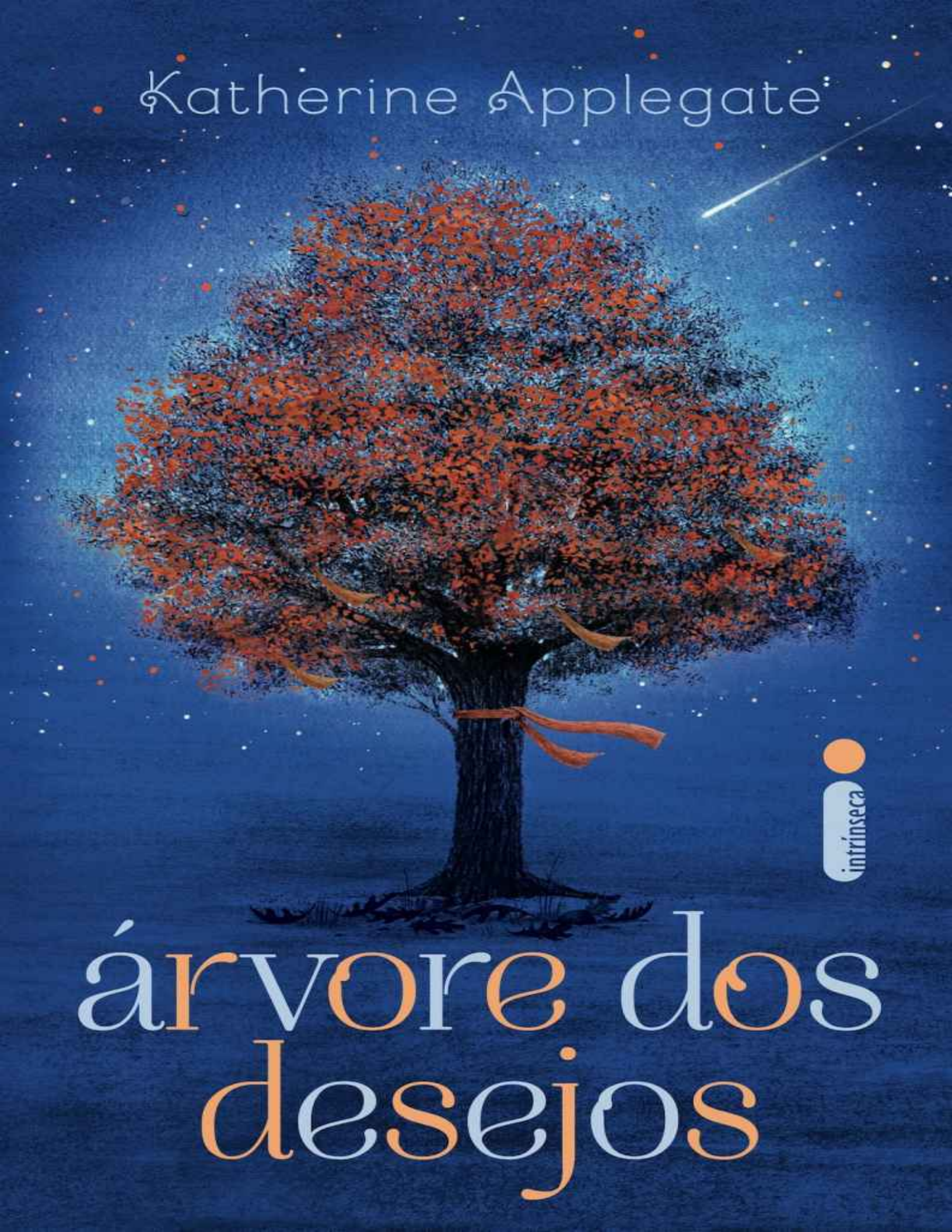
Katherine Applegate



intrínseca

árvore dos desejos

Katherine Applegate

árvore dos desejos

Ilustrado por Charles Santoso

Tradução de Thaís Paiva

intrínseca



Copyright do texto © 2017 by Katherine Applegate

Copyright das ilustrações © 2017 by Charles Santoso

Publicado originalmente por Feiwel and Friends, um selo de Macmillan USA. Publicado mediante acordo com Pippin Properties Inc., por intermédio de Rights People, Londres.

O poema da epígrafe, "Be Different to Trees", de Mary Carolyn Davies, foi traduzido livremente.

TÍTULO ORIGINAL
Wishtree

PREPARAÇÃO
Milena Vargas e Giu Alonso

REVISÃO
Marcela Ramos

PROJETO GRÁFICO
Liz Dresner

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO
Antonio Rhoden

DESIGN DE CAPA
Rich Deas e Liz Dresner

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING
Antonio Rhoden

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
©2019 by Charles Santoso

REVISÃO DE E-BOOK
Laura Zúñiga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Joana De Conti

E-ISBN
978-65-5560-049-0

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Sumário
Dedicatória
Epígrafe

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51

Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

para os recém-chegados
e
para quem os recebe de braços abertos





É diferente com as árvores

O carvalho falante
Com anciões é cantante.
Mas não há árvore sequer
Que não me diga o que quer.
As verdades que sei
Foi assim que ganhei.
Mas quem tudo quer contar,
    E só se atenta à própria voz que canta,
Nenhuma sílaba vai escutar
    Dos lábios de nenhuma planta.

— ***Mary Carolyn Davies (1924)***



1

É difícil conversar com as árvores. Não somos muito boas de papo furado.

Isso não quer dizer que não sejamos capazes de fazer coisas incríveis, coisas que talvez você nunca possa fazer.

Abrigar corujinhas fofas. Firmar casas na árvore. Fotossíntese.

Mas conversar com as pessoas? Não é muito a nossa praia.

E nem espere que uma árvore conte uma boa piada.

As árvores até falam, mas só com quem sabemos ser de confiança.

Conversamos com os esquilos ousados. Conversamos com as minhocas trabalhadeiras. Com as borboletas espalhafatosas e com as mariposas tímidas.

Pássaros? São um encanto. Sapos? Meio rabugentos, mas têm bom coração. Cobras? Fofoqueiras incuráveis.

Árvores? Sempre gostei de todas que conheci.

Tá bom, admito. Todas, menos daquela figueira da esquina. Aquela que é cheia de um blá-blá-blá insuportável.

Mas e com pessoas, a gente fala? Falar de verdade — a coisa mais *humanística* que os humanos fazem?

Boa pergunta.

Afinal, as árvores têm uma relação bem complicada com as pessoas. Num instante, elas nos abraçam. No instante seguinte, nos transformam em mesas e palitos de dente.

Talvez você esteja se perguntando por que nunca mencionaram nas aulas de ciência que as árvores falam, em alguma daquelas lições tipo "A natureza é nossa amiga!".

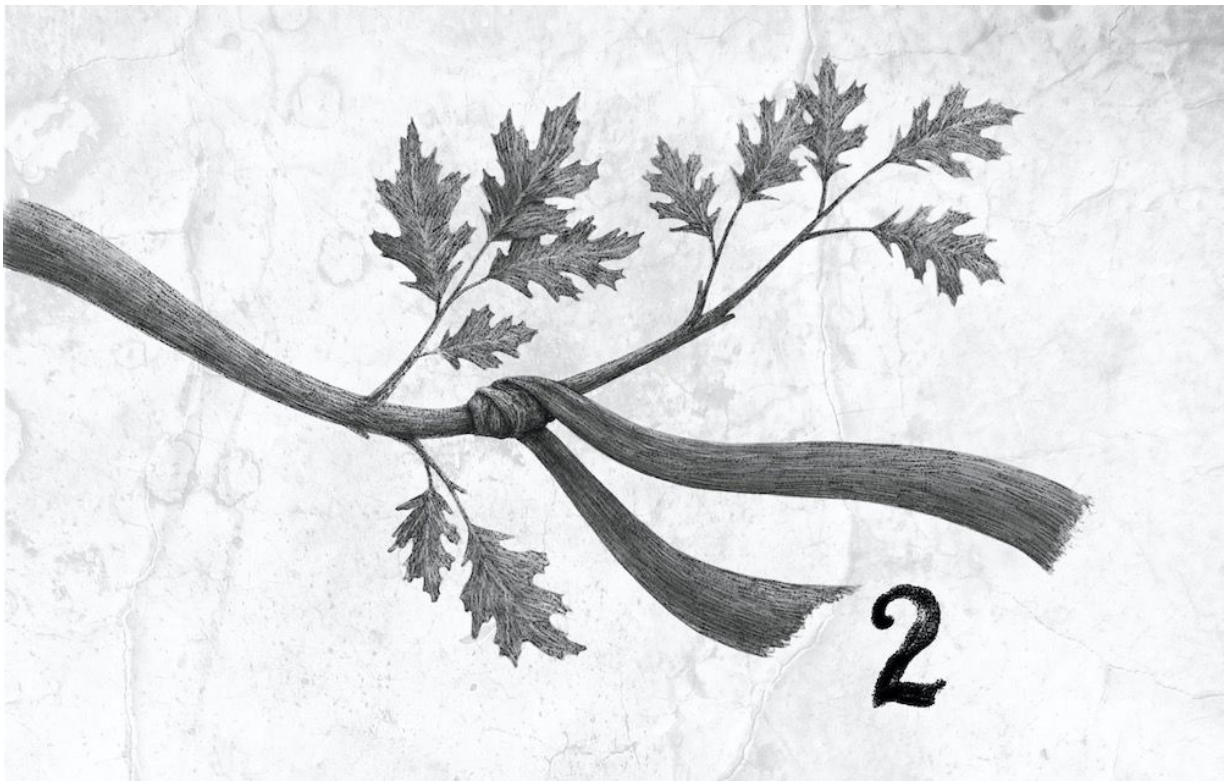
Não é culpa dos seus professores. É muito provável que eles também não saibam que as árvores falam. A maioria dos seres humanos não sabe.

Mesmo assim, se algum dia você parar ao lado de uma árvore com uma cara bem amigável e quiser arriscar, tente prestar atenção. Mal não vai fazer.

Árvores não sabem contar piadas.

Mas contamos ótimas histórias.

E se tudo o que você conseguir ouvir for o farfalhar das folhas, não se preocupe. A maioria das árvores é um bocado introvertida.



Ah, sim. Meu nome é Red, aliás.

Talvez a gente já tenha se visto antes. Sabe o carvalho perto da escola de ensino fundamental? Grande, mas não demais? Uma sombrinha gostosa no verão e cores lindas no outono?

Tenho orgulho de ser um carvalho-vermelho-americano, também conhecido como *Quercus rubra*. Minha espécie é uma das mais comuns na América do Norte. Só na minha vizinhança somos centenas e centenas de carvalhos, enredando nossas raízes solo adentro como fiandeiras obstinadas.

Meu tronco é vermelho-acinzentado, com casca sulcada; minhas folhas são lustrosas e têm bordas pontudas; minhas raízes são teimosas e territoriais; e no outono, modéstia à parte, minhas cores são as mais vivas da rua inteira. O nome "Red" não me faz justiça.



Quando chega outubro, parece que estou em chamas. É um milagre que todo outono os bombeiros não venham tentar me apagar.

Talvez você fique surpreso quando eu te contar que todos os carvalhos-vermelhos se chamam Red — palavra que, afinal, significa "vermelho".

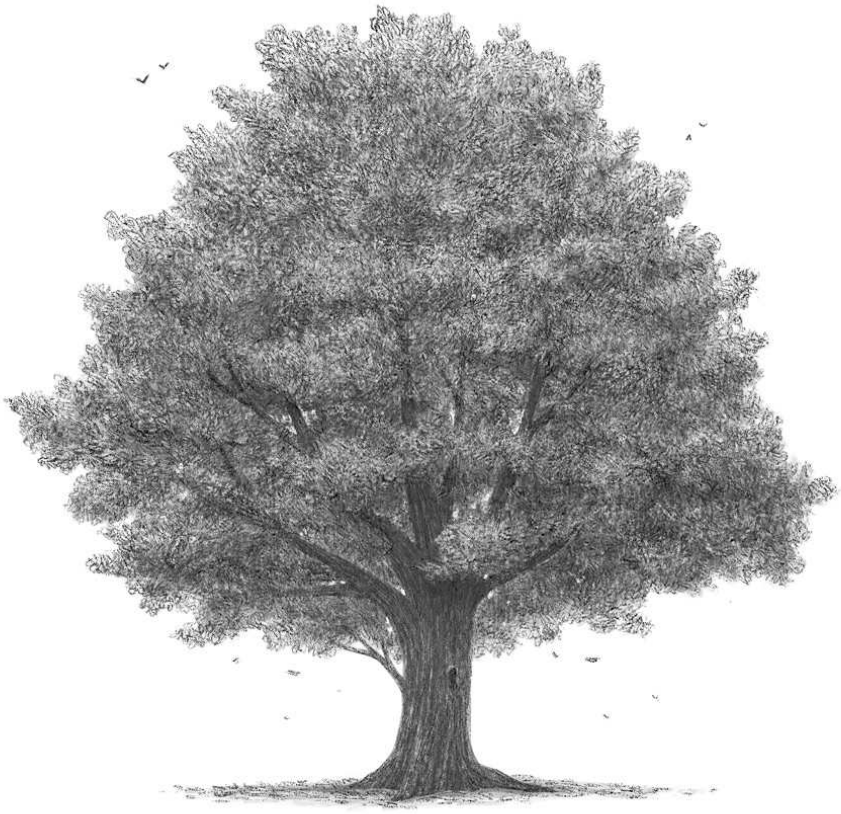
Assim como todos os jasmins se chamam Jasmim. Todos os juníperos se chamam Juno. E todas as samambaias se chamam Sam.

É assim que funciona no mundo das árvores. Não precisamos de nomes para saber quem é quem.

Imagine só uma sala de aula composta apenas por Matias. Eu teria pena do pobre professor fazendo a chamada toda manhã.

Ainda bem que árvores não vão para a escola.

É claro, há algumas exceções à regra. Em algum lugar de Los Angeles existe uma palmeira que insiste em ser chamada de Cristal, mas você sabe como é o pessoal da Califórnia, não sabe?





Meus amigos me chamam de Red, e você também pode me chamar assim. Mas há um bom tempo as pessoas daqui da vizinhança me chamam de "árvore dos desejos".

O motivo disso começou muito tempo atrás, quando eu ainda era só uma mudinha que sonhava alto.

É uma longa história.

Todo ano, no dia 1º de maio, vem gente de todos os cantos da cidade me enfeitar com tiras de papel, cartões, retalhos, pedacinhos de cordão e, vez ou outra, um meião de futebol. Cada oferenda representa um sonho, um desejo, um anseio.



Presas com um laço de fita, amarradas ao tronco, ou mesmo só penduradas em um galho: todas representam a esperança de algo melhor.

As árvores dos desejos têm uma história longa e nobre, datada de séculos atrás. Há muitas delas na Irlanda: na maioria das vezes são espinheiros, mas às vezes também são freixos. Contudo, você pode encontrar uma árvore dos desejos em todos os cantos do mundo.

A maior parte das pessoas que me visitam são gentis. Parecem compreender que um nó apertado demais pode acabar me impedindo de crescer da maneira de que preciso. Elas são delicadas com as minhas folhinhas recém-nascidas, cuidadosas com as raízes aparentes.

Depois de escrever seu pedido em um retalho ou pedaço de papel, as pessoas o amarram em um dos meus galhos. Costumam repetir o desejo em um sussurro enquanto deixam sua oferenda.

O dia tradicional para fazer pedidos é 1º de maio, mas as pessoas vêm o ano inteiro.

Minha nossa, já escutei cada coisa!

Desejo um skate.
Desejo um mundo sem guerras.
Desejo uma semana de céu limpo e sem nuvens.
Desejo a maior barra de chocolate do mundo.
Desejo tirar dez na prova de geografia.
Desejo que a sra. Gentorini fique menos mal-humorada de manhã.
Desejo que meu porquinho-da-índia aprenda a falar.
Desejo que meu pai fique bom logo.
Desejo que não me falte mais o que comer.
Desejo me sentir menos sozinho.
Desejo saber o que desejar.

Tantos desejos. Grandiosos e engraçados, egoístas e encantadores.

É uma honra ter tantas esperanças depositadas em meus velhos galhos cansados.

Muito embora no fim do primeiro dia de maio sempre fique parecendo que alguém virou um gigantesco cesto de papéis em mim.



Como você já deve ter percebido, sou mais falante do que a maioria das árvores. É uma novidade para mim. Ainda estou pegando o espírito da coisa.

Apesar disso, todos sabem que sou excelente em guardar segredos. Uma árvore dos desejos tem que ser bem discreta.

As pessoas contam todo tipo de coisa para as árvores. Sabem que vamos escutar.

Como se tivéssemos escolha…

Além disso, quanto mais nós escutamos, mais aprendemos.

Bongô diz que eu adoro uma fofoca, e acho que tem razão. Ela é minha melhor amiga. Eu a conheço desde que era apenas um filhotinho de corvo, nada além de um biquinho perfurando um ovo cheio de pontinhos.



Às vezes nós discordamos, mas isso é normal entre amigos, não importa a que espécie pertençam. Já vi muitas amizades surpreendentes na vida: um pônei e um sapo, um falcão e um camundongo, um arbusto lilás e uma borboleta-monarca. De tempos em tempos, todos eles acabavam se desentendendo por alguma razão.

Eu acho que Bongô é uma corva jovem demais para ser tão pessimista.

Bongô acha que eu sou uma árvore velha demais para ser tão otimista.

É verdade. Sou mesmo otimista. Prefiro encarar a vida como algo a longo prazo. Do alto dos meus muitos anos, já vi muita coisa boa e muita coisa ruim. Mas sempre vi mais coisas boas do que ruins.

Então, Bongô e eu concordamos em discordar. E tudo bem. Afinal, eu e Bongô somos muito diferentes.

Ela, por exemplo, acha ridícula a maneira como nós, árvores, nos nomeamos. Como é costume entre os corvos, Bongô escolheu o próprio nome depois do primeiro voo. No entanto, talvez esse nem seja o único nome que ela vai ter. Corvos trocam de nome quando lhes dá na telha. O primo de Bongô, Engenhoca, já teve dezessete nomes. Às vezes os corvos adotam nomes humanos; se eu te contasse a quantidade de Zé Corvos que já conheci… Às vezes eles adotam nomes de coisas que os intrigam: Latinha, Jujuba, Ratomorto. Pegam para si o nome de acrobacias aéreas, tipo Giro Parafuso ou Rasante. Ou de cores: Púrpura ou Pretume.

Muitos escolhem os sons que mais gostam de reproduzir. (Corvos são exímios mímicos.) Já conheci um Mensageiro dos Ventos, um Ronco de

Caminhão e um Taxista Ranzinza, sem falar de alguns outros com nomes impróprios de se mencionar entre pessoas educadas.

Na nossa rua tem uma bandinha de rock amadora, composta por quatro meninos de uns dez anos. Eles ensaiam na garagem. Entre seus instrumentos estão um acordeão, um baixo, uma tuba e bongôs.

Eles ainda não tocaram em lugar nenhum além da garagem, mas Bongô adora ficar sentada no telhado da casa, balançando ao ritmo da música dos meninos.





Os nomes não são a única diferença entre árvores e corvos.

Algumas árvores são do sexo masculino. Outras, do sexo feminino. E algumas, como eu, são de ambos.

É bem confuso, como geralmente são tantas coisas na natureza.

Pode usar "ela". Pode usar "ele". Os dois funcionam para mim.

Aprendi que os botânicos — essas almas sortudas que passam o dia inteiro estudando a vida das plantas — chamam algumas delas, como o azevinho e o salgueiro, de dioicas, ou seja, essas espécies têm árvores masculinas e árvores femininas.

Muitas outras árvores, como eu, são chamadas de monoicas. É só uma palavra esquisita para explicar que, na mesma planta, existem flores masculinas e flores femininas.

Também é uma evidência de que a vida das árvores é muito mais interessante do que as pessoas imaginam.





Uma das coisas que corvos e árvores têm em comum — e que, na verdade, vale para todos os seres da natureza — é a regra de não falar com os humanos.

É para nossa proteção. Pelo menos, na teoria.

Eu vivo me perguntando se esse eterno silêncio é mesmo uma boa ideia. Houve tantas vezes em que quis me manifestar, intervir, ajudar as pessoas. No entanto, nunca falei uma única palavra. O mundo sempre foi assim, e ponto final.

Acontecem deslizes aqui e ali? É claro, de vez em quando alguém comete um erro.

Ano passado, fiquei sabendo de um sapo chamado Mosca que estava tirando uma soneca dentro de uma caixa de correio (todos os sapos têm o nome dos insetos que eles mais gostam de comer). Quando o carteiro foi pegar a correspondência, Mosca pulou para fora, soltando uma coaxada delirante. O carteiro desmaiou.

Ao despertar, o homem deu de cara com Mosca plantado em sua testa, pedindo mil desculpas.

Uma quebra clara da regra *Não fale com humanos*.

O incidente, contudo, foi logo esquecido, como sempre acontece nesses casos. Afinal de contas, o carteiro tinha certeza absoluta de que sapos não falavam. Aposto que ele pensou com seus botões: "Devo estar ouvindo coisas."

O curioso é que ele se aposentou logo depois do incidente.

Em todo caso, quando consideramos o número de árvores, sapos, lontras, carriças, libélulas, tatus e tantos outros seres da natureza, seria de se imaginar que, a essa altura, os humanos já teriam descoberto nosso segredinho.

Mas é assim que as coisas são. A natureza é astuta. E os humanos… Bem, me desculpe, mas no geral vocês não são muito observadores.

E se você estiver entre os mais curiosos ou céticos, talvez esteja se perguntando como exatamente as árvores se comunicam. Talvez um dia você se pegue inspecionando uma árvore vizinha — um pinheiro, um álamo, um liquidâmbar —, tentando decifrar a magia.

As pessoas falam com a ajuda dos pulmões, da garganta, da laringe, da língua e dos lábios, graças a uma intrincada sinfonia de som, respiração e movimento.

Só que existem muitas outras maneiras de trocar informações.

Uma sobrancelha erguida, um risinho discreto, uma lágrima contida: essas também são maneiras de se expressar.

Com as árvores, a comunicação acontece de forma tão complicada e miraculosa quanto com os humanos. Através de uma dança misteriosa de raios de sol e açúcar, água, vento e solo, construímos pontes invisíveis que nos conectam com o mundo.

Os sapos têm suas próprias formas de conexão. Assim como os cachorros. Assim como as salamandras e as aranhas, os elefantes e as águias.

Como exatamente nós fazemos isso? Nós já sabemos a resposta — se quiserem saber também, vocês que têm que descobrir.

A natureza também adora um bom segredo.





Eu não sou apenas uma árvore, para dizer a verdade. Também sou um lar. Uma comunidade.

Vários bichos fazem ninhos nos meus galhos. Se aninham entre as minhas raízes. Põem ovos em meio às minhas folhas.

Sem falar nas minhas cavidades. Não é incomum que uma árvore tenha ocos — buracos no tronco ou em um galho —, ainda mais uma árvore velha como eu.

O oco pode ser pequeno o bastante para abrigar pardais pintadinhos ou uma família de camundongos. Ou pode ser enorme, servindo de toca até para um urso criativo.

Mas sou uma árvore urbana, é claro. Não temos muitos ursos por aqui, a não ser os de pelúcia. Já abriguei uma infinidade de guaxinins, raposas, gambás, cangambás e ratos. Teve um ano em que abriguei uma família adorável e extremamente educada de porcos-espinhos.

Cheguei a abrigar uma pessoa e tudo.

É uma longa história. (Tenho muitas longas histórias guardadinhas aqui dentro, da mesma maneira que um esquilo esconde suas nozes.)

Várias coisas podem acabar criando ocos nas árvores. Pica-paus. Galhos caídos. Raios. Doenças. Insetos fazendo tocas.

No meu caso, são três ocos: dois de tamanho médio, feitos por pica-paus, e um maior, de quando eu era bem jovem. Aconteceu durante uma forte tempestade de inverno, quando perdi um galho imenso que já estava enfraquecido pela umidade da neve. Foi uma ferida grande e que demorou muito a sarar. Naquela primavera, minha folhagem foi pobre, e no outono minhas cores vieram pálidas (o que, sinceramente, foi bem constrangedor).

Mas a cavidade acabou se curando com o tempo, depois foi alargada por vários insetos, e agora, a pouco mais de um metro do chão, tenho um oco profundo e oval.

Ocos oferecem abrigo das intempéries. Um cantinho protegido para dormir e guardar seus pertences. São um lugar seguro.

Ocos são a prova de que uma coisa ruim pode se transformar em uma coisa boa, com a dose certa de tempo, cuidado e esperança.

Ser a casa dos outros nem sempre é fácil. Às vezes eu me sinto um prédio de apartamentos com moradores demais. Residentes que nem sempre se dão bem.

Mesmo assim, nós nos esforçamos para o esquema dar certo. A natureza é um eterno dar e receber. Pica-paus martelam meu tronco, mas, por outro lado, comem pragas irritantes. A grama resfria a terra, mas, por outro lado, compete comigo pela água no solo.

Toda primavera traz moradores novos, velhos amigos e mais oportunidades de conviver. Nesta primavera, em particular, tivemos um pico e tanto de natalidade. No momento, sou o lar de corujinhas, gambazinhos e filhotes de guaxinim. Também recebo a visita frequente dos filhotes de cangambá que moram embaixo da varanda de uma casa aqui perto.

Isso é inédito. Nunca abriguei tantos filhotes. É uma coisa que simplesmente não acontece. Os bichos gostam de espaço. Gostam de ter o próprio território. O normal é haver brigas. Talvez até mesmo um ninho roubado ou uma batalha à meia-noite.

E, de fato, desentendimentos acontecem. Só que já deixei bem claro que não será permitido comer seus vizinhos enquanto eu der as cartas por aqui.

Mas ter tanta companhia não me dá uma sensação de superlotação.

Garantir que os outros se sintam seguros é uma ótima maneira de passar os dias.



Minha pequena comunidade recebeu mais um integrante, embora "visitante" talvez seja uma forma mais apropriada de descrever a Samar.

Em janeiro, ela e os pais se mudaram para uma das casas que ficam sob minha sombra, uma casinha azul com varanda em alpendre e um jardim bem cuidado. A menina tem seus dez anos, olhos cautelosos e um sorriso tímido.

Samar traz no rosto o olhar de quem já viu demais. Alguém que só quer que o mundo sossegue.

Logo depois de se mudar, Samar começou a escapulir para o quintal assim que os pais iam dormir. Até nas noites mais frias, lá vinha ela, de bota vermelha e casaco verde. Sua respiração saía em um véu gelado. Ela ficava olhando para a lua, para mim e às vezes para a casinha verde dos vizinhos, onde mora um menino mais ou menos da idade dela.

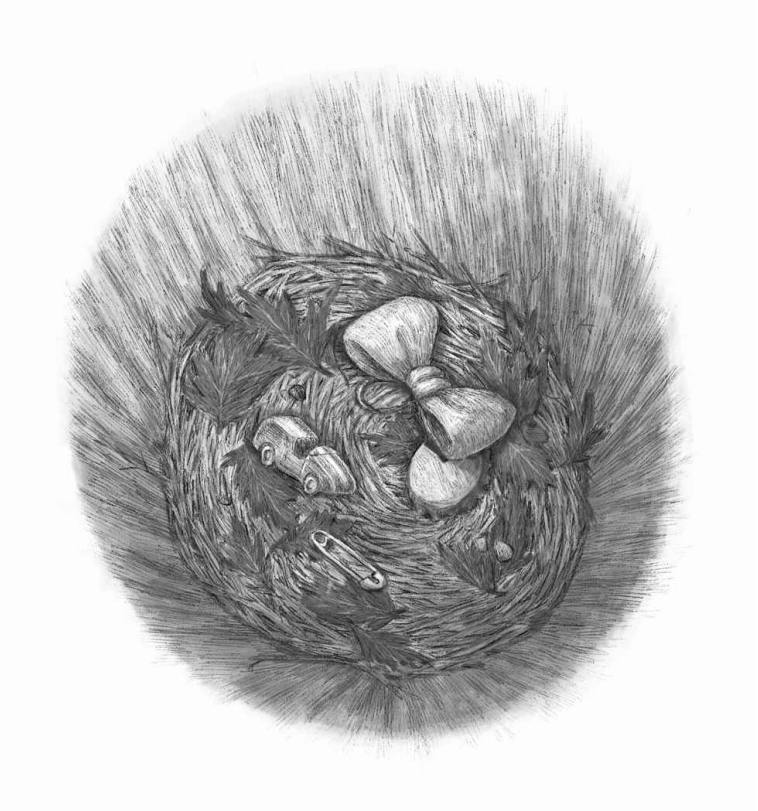
Conforme foi esquentando, Samar se aventurava para fora de casa de pijama mesmo, com um roupão por cima. Estendia um velho cobertor no chão e sentava embaixo da minha copa, toda respingada de luar. O silêncio dela era tão completo, e sua bondade, tão aparente, que os meus moradores saíam de seus ninhos feitos de semente de dente-de-leão e vinham lhe fazer companhia. Pareciam ter aceitado a menina como parte da família.

De todos, Bongô era quem mais gostava de Samar. Esvoaçava para o ombro dela e se empoleirava ali. Às vezes, dizia "olá", em uma imitação muito boa da voz da menina.

Muitas vezes, Bongô trazia para Samar pequenos presentes que encontrava durante seus voos diários. Um carro do Banco Imobiliário. Um laço de cabelo dourado. Uma tampinha de refrigerante.

Bongô entoca sua coleção de cacarecos e coisinhas em uma das minhas cavidades menores — algo que os gambás gentilmente toleram.

— Nunca se sabe quando eu vou precisar subornar alguém — Bongô gosta de dizer.



Mas os presentes que ela trazia para Samar não eram um suborno. Eram só sua maneira de dizer "Que bom que somos amigas".

Se esta história fosse um conto de fadas, eu diria que há certa magia em Samar. Talvez dissesse que ela lança um encantamento nos animais. Os bichos não costumam sair de seus ninhos e tocas por livre e espontânea vontade. Têm medo de gente, e com toda a razão.

Mas este não é um conto de fadas, e não há feitiço algum.

Os animais competem por recursos, assim como os humanos. Eles devoram uns aos outros. Lutam para estabelecer dominação.

Nem sempre a natureza é bela, justa ou gentil.

Mas, às vezes, somos surpreendidos. E, a cada noite de primavera, Samar me lembrava de que existe beleza na quietude, elegância no acolhimento.

E que nunca somos velhos demais para nos surpreender.



Fiquei bem contente quando a família de Samar se mudou para nossa vizinhança. Já fazia um tempão que não tínhamos recém-chegados, mas eu sabia que, com o tempo, eles fincariam raízes ali, assim como outras tantas famílias vindas de outros tantos lugares.

E de raízes eu entendo bem.

Uma noite dessas, não faz muito tempo, Samar veio me visitar. Eram duas da manhã. Bem tarde, até para ela.

Estava chorando. Suas bochechas estavam úmidas. Ela se encostou em mim, e suas lágrimas pareciam uma chuva morna.

Trazia na mão um pedacinho de pano. Rosa com bolinhas. Tinha algo escrito nele.

Um desejo. O primeiro que eu via em meses.

Não fiquei surpresa ao descobrir que ela já sabia da tradição da árvore dos desejos.

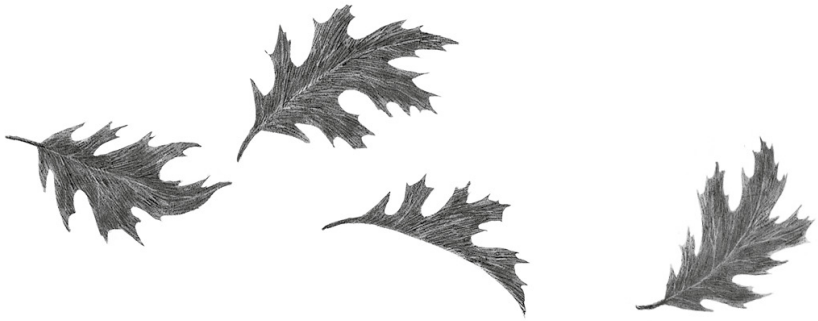
Eu meio que sou uma celebridade por aqui.

Samar esticou a mão, puxou meu galho mais baixo com muita delicadeza e amarrou o retalho com um nó frouxo.

— Eu desejo ter um amigo — sussurrou ela.

Voltou o olhar para a casa verde. Em uma das janelas do segundo andar, uma sombra se mexeu por trás da cortina.

Então, Samar voltou para a casinha azul.





Quando você fica parada no mesmo lugar por mais de dois séculos enquanto o resto do mundo gira ao seu redor, coisas acontecem.

Na imensa maioria do tempo, minha vida trouxe coisas boas. Minha copa forneceu sombra para piqueniques e pedidos de casamento. Sob meus ramos, já vi pessoas trocando votos, já vi corações se curando. Dorminhocos dormiram; sonhadores sonharam. Observei inúmeras tentativas de escalada, ouvi histórias se desenrolando.

E as risadas! Sempre tantas risadas.

Contudo, às vezes acontecem coisas que não são tão boas.

Nesses casos, já aprendi que não há muito a fazer além de seguir firme e forte, com os galhos erguidos e as raízes no chão.

Por exemplo, já sofri cortes e entalhes, já me usaram como alvo.

Já recebi água de menos e poda de mais, já me aplicaram fertilizante e futucaram minhas folhas, já me ignoraram e negligenciaram. Já senti o impacto de um raio, já sofri as agressões do granizo.

Já estive sob ameaças de machados e motosserras, doenças e pragas.

Tive que suportar as garras afiadas dos esquilos e as bicadas enervantes dos pica-paus. Meus galhos já foram escalados por gatos, e cachorros fizeram xixi nas minhas raízes.



Tenho as minhas dores e queixas, como todo mundo. Ano passado tive uma infestação de ácaros que me fez perder a paciência. Crespeira e fumagina, fungos manchadores e apodrecedores. Já vi de tudo.

Mesmo assim, as árvores têm mais sorte que as pessoas em certo aspecto. Durante toda a vida de uma árvore adulta, só um por cento dela está vivo. A maior parte do meu corpo é feita de células mortas. Portanto, no geral, isso significa que eu sou mais forte do que vocês.

É verdade. Já vi de tudo. E, quem sabe, ainda posso ver muito mais. Posso viver até os trezentos anos, talvez até os quinhentos. É possível. Carvalhos-vermelhos têm vidas longas, mais longas do que as de nossos amigos mais delicados, como os salgueiros-pretos, os caquizeiros, as macieiras e as olaias.

Ainda assim, alguns dias depois do desejo emocionado de Samar, aconteceu algo que fez com que eu me perguntasse se já não tinha visto coisas demais nessa vida.



A manhã florescia, e eu estava esperando pelo calor. Do outro lado da rua, um menino magricela parou ao lado de uma placa de PARE.

Cabisbaixo, ele estava encurvado como um arbusto ao vento. Trazia na mão direita algo brilhante. Uma ferramenta, ou talvez uma caneta.

Tinha um sorrisinho nos lábios, como se tivesse acabado de pensar em uma piada. Uma piada que talvez só ele compreendesse.

Todos os dias vejo gente perdida em devaneios, falando sozinha, abrindo um sorriso ou franzindo o cenho. O comportamento do menino não me pareceu nada atípico.

Eu estava no meio de uma conversa com Bongô, que tinha acabado de observar que eu completara mais um ano de vida. Precisamente duzentos e dezesseis anéis de idade.

— Outro arvoriversário — comentei. — Ainda me sinto uma mudinha.

— Ninguém te daria mais que cento e cinquenta — respondeu Bongô. — A árvore mais bela do quarteirão.

— Ora, Bongô, falando assim você me deixa nas alturas… — falei, fazendo uma pausa dramática.

Bongô, que estava empoleirada no meu galho mais baixo, suspirou. O suspiro de um corvo é inconfundível, parece o resmungo de um velhinho ranzinza.

— Foi uma piadinha de árvore — expliquei, só para o caso de Bongô não ter entendido, mas é claro que tinha: nada escapava a Bongô. — "Nas alturas", entendeu? Porque a minha copa é superalta…

— Sério mesmo, Red? — Bongô se alongou, admirando as próprias asas de um preto-azulado luzidio. — Essa foi a melhor piada que você conseguiu fazer?

— Talvez você gostasse mais da minha piada se a sua altura não fosse uma questão tão sensível para você — provoquei.

— Nós, os corvídeos, não damos a mínima para nossa altura — rebateu Bongô. — Inteligência. Malandragem. Ardileza. Astúcia. Isso é o que importa para o meu bando.

"Corvídeos" é um nome chique para pássaros como corvos, gralhas, gaios e pegas. Bongô costuma dizer que tem classe demais para receber um nome vulgar como "corvo".

Uma brisa suave fez cócegas em meus ramos. A primavera estava nos provocando de novo, trazendo a promessa de dias mais mornos.

— A verdade é que o seu tamanho não importa, Bongô — falei. — Cada um de nós cresce como deve crescer, de acordo com o que nossas sementes determinaram há muito, muito tempo.

— Red. Está cedo demais para esse seu papinho de Árvore Velha e Sábia. — Bongô me deu uma bicadinha de leve. — Embora você tenha mesmo razão. A altura não faz diferença. — Em um borrão farfalhante, ela sobrevoou até o topo de um poste de luz, muito mais alto que a minha copa. — Quer dizer, só para quem sabe voar.

Naquele momento, Samar e o menino da casa verde, Stephen, puseram os pés em suas respectivas varandas. Os dois com a mochila nas costas. Os dois ansiosos para começar o dia.

Trocaram olhares. Stephen fez um aceno — mínimo — com a cabeça, e Samar correspondeu. Não foi bem uma saudação. Só um mero cumprimento de cortesia.

Stephen saiu correndo para a escola, que ficava no fim da rua, mas Samar hesitou.

— Olá — disse ela, baixinho.

Bongô pegou a deixa no mesmo instante e respondeu "Olá", soando igualzinho à menina.

Minha amiga também consegue imitar uma tuba, mas seu Chihuahua é bem impressionante, e ela faz uma boa sirene policial.

Samar ergueu os olhos para Bongô, sorriu e seguiu em frente. Depois, Bongô crocitou alegremente e levantou voo, pronta para supervisionar a chegada das crianças à escola. Ela era figurinha carimbada por lá. Todos a conheciam. Gostava de azucrinar as crianças, que gostavam de se deixar azucrinar por ela.

Bongô tinha um apreço especial por desamarrar cadarços. Enquanto os meninos paravam para reamarrá-los, ela roubava petiscos das lancheiras deles.

Até pedia com educação de vez em quando. Sabia dizer "Batatinha, por favor", "Nem pensar" e "Você é irado" sempre que lhe convinha.

Observando Bongô ganhar os céus, pensei, não pela primeira vez, nas minhas raízes profundas. Como deve ser a sensação de voar? De se aninhar? Nadar? Galopar?

Deve ser uma delícia, sem dúvida. Alegria pura. Mesmo assim, eu não trocaria nem um pedacinho da minha raiz por nada disso.

É uma tremenda dádiva amar ser quem você é.





Foi então que o menino magricela passou por mim, deu meia-volta e parou na minha frente. Olhou por cima do ombro e pisou na grama castanha que cobre minhas raízes.

O ar mudou, estremeceu, como sempre acontece quando as pessoas se aproximam, com produtos químicos, com calor pulsante, com energia humana.

E foi aí que aconteceu.

Ele cravou no meu tronco o objeto que carregava.

Rápido. Preciso.

Mais uma vez, olhou ao redor. Uma senhorinha que atravessava a rua sorriu para ele com ternura. Devia estar pensando: "Ah, que gracinha. Aposto que ele está desenhando um coração com duas iniciais dentro. Ah, como é bom ser jovem e estar apaixonado!".

As pessoas parecem achar que podem riscar coisas nas árvores e que nós não vamos nem ligar, ainda mais se houver um coração na jogada.

Pois fiquem sabendo: nós ligamos, sim.

Nunca tinha visto aquele menino. Era mais velho, talvez já estivesse no ensino médio. É difícil saber, quando se trata de pessoas. Se fosse uma

árvore, eu conseguiria sentir certinho o mês em que brotou, talvez até o dia.

Eu não sabia o que ele tinha gravado no meu tronco, é claro. Mas, pela determinação das mãos dele, pude perceber que fez para machucar.

Não a mim. De alguma forma, pressenti que não era a mim que ele queria machucar. Eu era só uma tela.

Ainda assim, ter o tronco lanhado não é fichinha. A casca é minha pele, minha proteção contra o mundo.

A menor ferida aberta dificulta meu trabalho de combater doenças e insetos.

Queria gritar "Pare!". Dizer alguma coisa. Qualquer coisa.

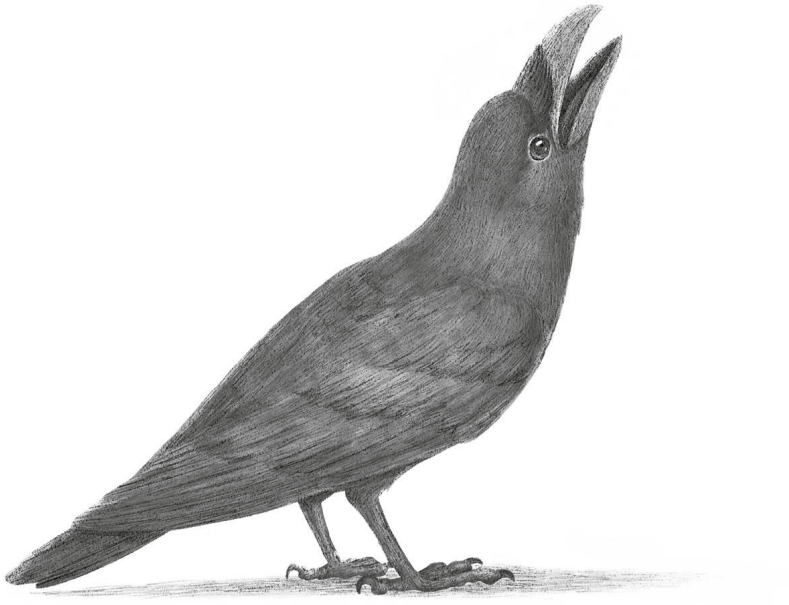
Mas não fiz nada, é claro. Nós não somos assim.

Nós, árvores, escutamos, observamos, suportamos.

Ele acabou rápido. Deu uns passos para trás, admirou seu trabalho, assentiu e foi embora. Enquanto se afastava, vi a ferramenta que levava na mão.

Uma pequena chave de fenda com cabo amarelo.

Fina como um graveto, brilhante como um canário.





Bongô foi a primeira a ver o que tinham feito comigo.

Pousou na base do meu tronco, inclinando a cabeça. Largou a batatinha que trazia no bico e protestou:

— Eu saio por alguns minutos, e olha o que acontece! O que houve com você, caramba?

— Parece que alguém me confundiu com uma abóbora. — Ela não riu, e eu acrescentei: — Porque gravaram algo na minha casca. Sacou?

— Pela milionésima vez, Red, suas piadas não ficam mais engraçadas quando você explica.

Bongô voou para meu galho primário mais baixo — um dos maiores, estruturais. Examinou o corte.

— Está doendo?

— Não do mesmo jeito que um machucado doeria em você. Nós, árvores, somos diferentes nesse aspecto.

— Tenho que fazer alguma coisa — declarou Bongô.

— Não há nada a fazer.

— Você está com um dodói imenso. Quero ajudar. Você é a Árvore Velha e Sábia, então me diga o que tenho que fazer.

— E sério, Bongô. O tempo cura todas as feridas.

Bongô detesta quando começo a filosofar, e revirou os olhos. (Pelo menos, é isso que eu acho que ela fez. É difícil ter certeza quando se trata de corvos. Os olhos deles são como amoras de manhã cedinho, pretos e reluzentes.)

— Só espero que meu tronco não esteja esculhambado — comentei. — Esse é meu lado preferido.

— Não está esculhambado. Só enfeitado. Como aquelas tatuagens dos humanos. — Bongô me deu uma bicadinha. — Quero que você me mostre quem fez isso. Vou pegar essa criatura de jeito. Vou ficar grasnando na janela dela no meio da madrugada. Vou dar uns rasantes nela, arrancar uns cabelos. — Bongô abanou as asas. — Não! Melhor ainda! Vou fazer um depósito na cabeça dela. Sim, um depósito na cabeça dela, todos os dias, durante um ano inteirinho!

Nem perguntei que tipo de depósito seria aquele. Eu já tinha entendido muito bem.

— Bongô, minha querida — falei —, não precisa disso.

Ela estava inquieta, se apoiando num pé e depois no outro, como sempre fazia quando estava tentando resolver um problema.

— Sabe — disse ela —, já é quase dia dos desejos. Talvez isso seja um tipo de desejo. A execução é que foi meio infeliz.

— Mais um dia dos desejos — repeti.

Parecia que o último dia dos desejos tinha acabado de acontecer. Mais um ano inteiro já tinha se passado? Os dias têm esse hábito de passar correndo por nós, como pingos de chuva em um rio.

— Mais uma vez — queixou-se ela —, aquele monte de pessoas egoístas virá importunar você com as necessidades delas.

— Mais uma vez, as pessoas cheias de esperança virão fazer pedidos para que as coisas melhorem.

O dia dos desejos era sempre um bocado difícil para mim e os meus residentes. Nesse dia, os pássaros e outros bichos geralmente ficavam longe, para evitar mãozinhas curiosas e fotografias sem fim.

Mas era um dia só. Eu entendia sua história e o papel que me cabia nela. Sabia que as pessoas tinham muitos anseios.

Uma mulher vindo pela calçada de mãos dadas com a filhinha congelou assim que viu meu tronco.

— Mamãe, o que está escrito ali? — perguntou a menininha, que carregava na outra mão um cachorrinho de pelúcia, pendurado pela cauda imunda.

A mãe não respondeu.

— Mamãe?

Elas atravessaram o gramado. A mãe chegou mais perto de mim.

— Está escrito "FORA" — disse ela, por fim.

— "Fora"? Tipo o contrário de "dentro"?

Com muita delicadeza, a mãe correu o dedo indicador pelos meus cortes.

— Talvez — desconversou ela. — É, talvez seja isso.

A mãe olhou para as duas casas perto de mim.

Balançando a cabeça, ela apertou a mão da garotinha com mais força.

— Vamos torcer para que seja só isso mesmo, meu amor.


#EDAA



As casas. Minhas casas.

Uma azul. Outra verde.

Uma de porta preta. Outra de porta marrom.

Uma com caixa de correio amarela. Outra com caixa de correio vermelha.

Eu já tinha passado mais de um século olhando para elas. Belas e singelas. Tinham o mesmo tamanho, o mesmo formato quadrado, o mesmo telhado pontudo e a mesma chaminé atarracada de tijolos. Irmãs arquitetônicas.

Muito antes de o construtor sequer pensar em erguer algo ali, eu já estava lá, bem no meio de tudo. Nunca nem me preocupei se as minhas raízes se espalhavam para além do limite entre as duas propriedades. Raízes são rebeldes, às vezes. As minhas exploravam a terra embaixo das duas casas, enredando-se ao redor do encanamento, ancorando as fundações.

Eu lhes oferecia sombra de maneira justa. Soltava folhas de forma equilibrada entre elas. Bombardeava os telhados com as minhas bolotas na mesma medida.

Não gosto de favoritismos.

Ao longo dos anos, muitas famílias tinham transformado aquelas casas em seus lares. Bebês e adolescentes, avós e bisavós. Gente que falava chinês e espanhol, iorubá e inglês e crioulo. Que comia *tamales* e *pani puri*, *dim sum* e *fufu* e queijo-quente.

Línguas, comidas, costumes diferentes. Assim é a nossa vizinhança: caótica, misturada e colorida. Igual aos melhores jardins.

Uns meses atrás, uma família nova alugou a casa azul, a família de Samar. Vieram de um país distante. Os costumes deles eram incomuns. As palavras deles tinham uma música nova.

Só mais uma transferência para o nosso jardim bagunçado, ao que tudo indicava.

O problema é que, dessa vez, algo estava diferente. Havia certa inquietude no ar. Os pais da casa verde se recusaram a acolher a família nova. No início, os adultos trocavam acenos educados, mas logo depois até isso parou.

Aconteceram outras coisas. Alguém atirou ovos podres na casa azul. Uma tarde, passou um carro cheio de homens raivosos gritando coisas raivosas, como "fora, terroristas".

Às vezes, quando Samar voltava da escola, vinham crianças atrás dela, implicando com a pobre menina.

Eu amo muito as pessoas. Mesmo assim… Duzentos e dezesseis anéis de idade, e eu ainda não consigo entendê-las.

Nossa vizinhança já tinha acolhido inúmeras famílias vindas de terras longínquas. Qual a diferença dessa vez? Era o lenço que a mãe de Samar usava na cabeça? Ou era outra coisa?

Enquanto os desdobramentos aconteciam, eu, que adoro uma fofoca, só ficava observando, bisbilhotando, registrando tudo. Mas nunca interferia. As árvores são observadoras imparciais. Fazemos o tipo forte e silencioso.

Além disso, o que mais eu poderia fazer? Meus ramos mal podem sacudir. Meu tronco fica enraizado firme à terra. Tenho uma voz, mas não posso usá-la.

Meus recursos eram limitados. Só que, no fim das contas, minha paciência também era.



Quando você é a árvore dos desejos da área, as pessoas acabam falando demais. Não demorou para que todo mundo ficasse sabendo da palavra feia gravada no meu tronco. As pessoas paravam para olhar. Grupinhos se reuniam diante de mim. Todos franziam o cenho, murmuravam entre si e balançavam a cabeça, contrariados. Lá pela hora do almoço, a polícia veio.

Acontece que não foi a minha primeira experiência com os oficiais da lei.

Dois gatinhos moram do outro lado da rua. Eles amam escalar os meus galhos até o topo da copa. Infelizmente, eles não gostam nada de ter que descer. Nos últimos dois meses, Batman e Robin já foram resgatados duas vezes pelos bombeiros e três vezes pela polícia.

Sandy e Max, os mesmos policiais que resgataram os gatinhos na semana anterior, saíram do carro e vieram olhar meu tronco. Fecharam a cara. Procuraram pistas na grama. Conversaram com os transeuntes e tiraram fotos.

— Bongô — sussurrei —, eu virei uma autêntica cena do crime.

Ela não achou a menor graça.

Quem chamou a polícia foi a dona das casas — e, portanto, tecnicamente, a minha dona. Francesca, alta e magra, com cabelos curtos e grisalhos, morava do outro lado da rua. As casinhas azul e verde pertenciam à família dela havia muitas gerações.

Ela também era dona de Batman e Robin, meus intrépidos visitantes.

Francesca atravessou a rua a passos firmes e veio conversar com os policiais com uma expressão amarga no rosto. Batman e Robin se debatiam nos braços dela.

— Essa árvore de novo — reclamou ela com Sandy, que estava fazendo anotações em um bloquinho. — Essa árvore só me traz problema, desde sempre.

Francesca nunca foi uma pessoa muito sentimental. Ela gosta mais de gatos do que de árvores.

Cada um na sua. Eu, por outro lado, gosto mais de árvores do que de gatos.

— Puxa, mas todo mundo ama a árvore dos desejos — comentou Sandy, e então me olhou de cima a baixo. — Mas imagino que dê bastante trabalho à senhora.

— Todos os anos, depois do dia dos desejos, eu fico me prometendo que vou mandar derrubar essa coisa — explicou Francesca.

Era verdade. Mas eu sabia que ela não estava falando sério. Eu e ela, nós temos história.

— E o trabalhão da limpeza nem é a pior parte — continuou Francesca. — É cada coisa que as pessoas desejam! Uma loucura! Ano passado alguém escreveu que queria espaguete de chocolate. Com uma caneta permanente. Em uma cueca. E atirou lá no alto.

— Espaguete de chocolate — repetiu Sandy. — Até que não seria de todo ruim.

— Tudo loucura, pode acreditar. — Francesca me encarou. — Afinal, é só uma árvore. Só uma árvore.

Achei meio injusto esse negócio de "só uma árvore". Mas Francesca parecia estar cansada e irritada, então tentei não levar para o lado pessoal.

Sandy fechou o bloquinho.

— As pessoas acreditam no que querem acreditar. Sobre as árvores. — A policial encarou a palavra recém-gravada no meu tronco. — E sobre as outras pessoas também.

— E agora? — perguntou Francesca.

— Não sei — falou Sandy. — A árvore pertence a você, e não à nova família, e você já está aqui há um tempão.

Francesca abriu um sorriso triste, dizendo:

— Talvez eu seja a pessoa que eles querem que vá embora.

Enquanto elas observavam, Max cercou a área perto do meu tronco com aquela fita amarela de cena do crime, usando estacas de metal.

— Acho muito improvável, Francesca — rebateu Sandy.

Max parou ao lado delas. Acariciou os gatinhos, que começaram a ronronar bem alto.

— Vai ser complicado indiciar o autor do crime — disse ele. — Por conta do histórico dessa árvore. Já estamos quase em maio, que é quando as pessoas vêm deixar seus… desejos, ou seja lá o que for. Seria difícil ter certeza de que isso não foi parte da tradição, sabe? — Ele deu de ombros. — Isto é, se é que a gente vai conseguir descobrir quem fez isso.

— As pessoas fazem seus pedidos em um pedaço de papel ou de pano, não deixam nada gravado no tronco — rebateu Francesca. — É por isso que, na Irlanda, essas árvores são chamadas de "árvores de retalhos". Hoje em dia, muitos preferem colar uma etiqueta de papel em volta de um galho para escrever seus pedidos delirantes. — Ela deu de ombros. — Em todo caso, "FORA" não é um desejo. É uma ameaça.

— Com certeza — concordou Max.

Francesca meneou a cabeça para a calçada rachada e desnivelada que levava às duas casas.

— E tem mais: sendo ou não uma árvore dos desejos, esse carvalho está acabando com as calçadas. Também vive causando problema no encanamento. As raízes se estendem por metros. — Ela balançou a cabeça, resignada. — Talvez esteja mesmo na hora de cortar essa árvore. Chega de folhas secas para varrer. Chega dessa sujeirada toda no dia dos desejos. Chega dessa… maldade.

Batman saltou dos braços de Francesca e correu na minha direção. Sandy o agarrou no último segundo.

— Vamos levar uns dois dias para terminar a investigação — disse Max. — E então vamos deixar a senhora em paz, livre para fazer o que quiser com a árvore.

— Sabe — comentou Francesca, pegando Batman de volta das mãos de Sandy —, muitos anos atrás, meu pai quase cortou essa árvore. Mas a minha mãe não deixou. Ela disse que era um legado familiar ou algo assim. Uma baboseira de gente com coração mole. — Suspirou. — Acho que agora chegou a minha vez de decidir.

— Nesse meio-tempo, se qualquer outra coisa acontecer, avise a gente — aconselhou Sandy.

Francesca atravessou o gramado de volta, segurando com firmeza os dois gatinhos.

— "Fora" — murmurou ela. — Que mundo é esse… Que mundo é esse em que a gente vive…


NÃO ULTRAPASSE NÃO ULTRAPASSE NÃO ULTRAPASSE NÃO ULTRAPASSE NÃO UL



Quando você é uma árvore, "cortar" é uma palavra que chama a sua atenção.

Francesca já tinha falado coisas parecidas antes, mas sempre em tom de brincadeira, depois de uma longa tarde de outono varrendo pilhas e pilhas das minhas folhas avermelhadas recém-caídas. Ou depois de um dia dos desejos particularmente caótico. Ou ao pisar descalça em uma das minhas bolotas.

Eu até me sentia culpada pelas calçadas. São ossos do ofício. Para viver, preciso de uma vasta rede de raízes. E raízes são coisas fortíssimas.

— Ouviu isso? — perguntou Bongô, acompanhando Francesca com o olhar enquanto a mulher entrava em casa. — Dessa vez parece que ela está falando sério.

— Já ouvi isso muitas vezes — falei.

— Só que infelizmente os fedelhos também escutaram agora — comentou Bongô.

Sempre que tem uma leva nova de bebês no meu tronco, Bongô os chama de "fedelhos". Ela finge se irritar com as peripécias deles, mas eu sei que é só pose.

— Escute — pediu ela.

De fato, notei o choro de bebês vindo do ninho de cangambás embaixo do alpendre.

— Mas a gente ama a Red, mamãe! — choramingou um deles.

— Shhh — repreendeu a mãe dos filhotes, Pãoquentinho —, estamos no meio do dia. Vocês deveriam estar dormindo. Somos bichos crepusculares.

Animais crepusculares, como vaga-lumes, morcegos e cervos, são mais ativos ao nascer e ao pôr do sol.

— Vai ficar tudo bem com a Red, mamãe? — perguntou a vozinha de outro bebê, que reconheci como sendo a de Rosapétala.

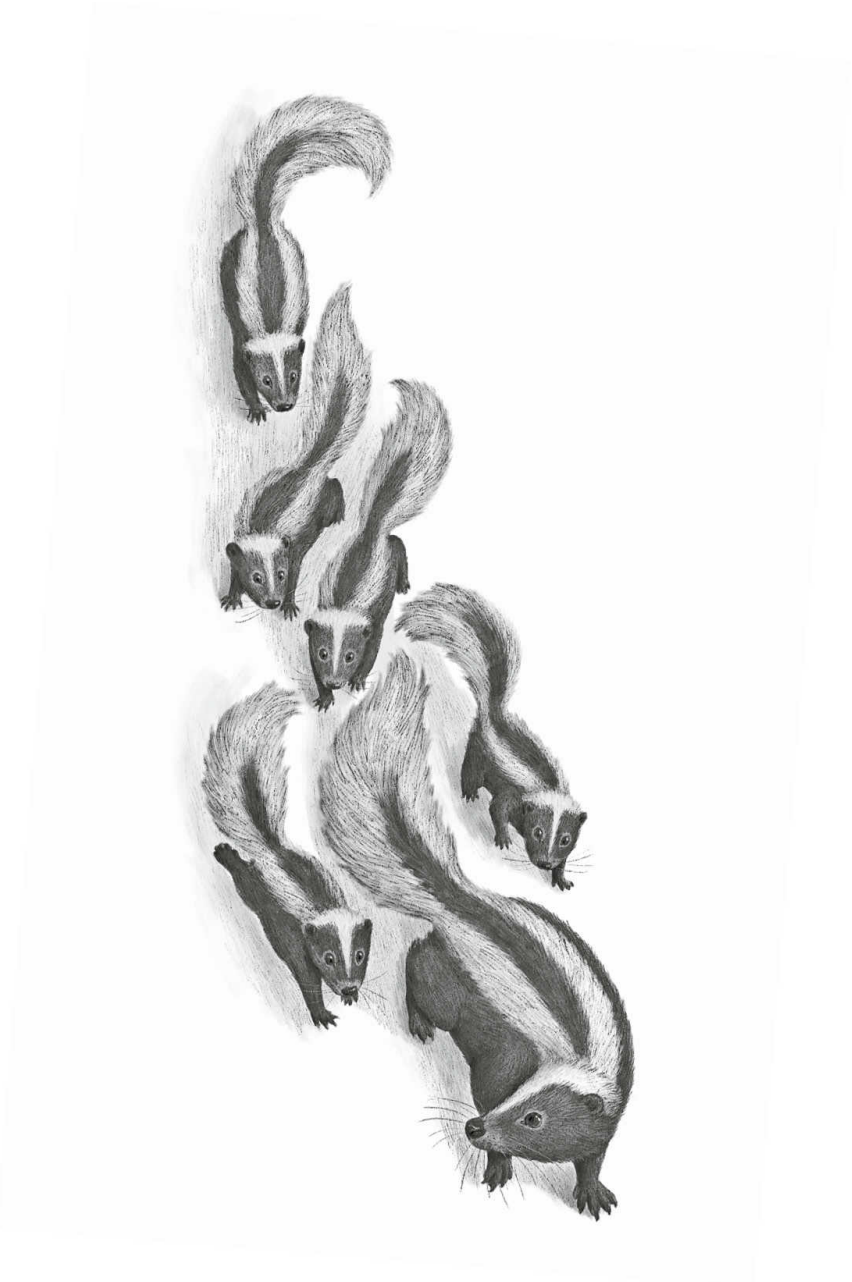
O nome de todos os cangambás vem de cheiros agradáveis. Não sei se é porque eles se sentem meio ofendidos pela reputação que têm, ou se desenvolveram certo senso de humor debochado.

— Claro que sim — disse a mãe dela. — Red é indestrutível.

Bongô olhou para mim.

— Viu o que eu disse?

— Ai, caramba — respondi. — Até o fim do dia, todo mundo já vai estar sabendo. Os gambás, os guaxinins, as corujas… o Haroldinho vai ficar transtornado.



Haroldo ainda era um minúsculo filhotinho de coruja-das-torres, mas vivia cheio de preocupações de gente grande.

Corujas-das-torres escolhem nomes sensatos, sem firula.

— Vou conversar com eles — declarou Bongô. — Acalmar todo mundo. Dizer para não se preocuparem.

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo — afirmei. — Já vi de tudo nesses tantos anos de vida. Já morri de preocupação por conta de tanta coisa que, no fim, nunca aconteceu. Eu poderia até escrever um livro. — Fiz uma pausa, reflexiva. — Na verdade, eu poderia até *ser* um livro. — Fiz outra pausa. — Porque, você sabe… papel é feito de árvore… sacou?

Bongô soltou uma risada crocitante de corvo. Nem me repreendeu pela piada infame.

Foi aí que comecei a me preocupar.



Por maior que fosse minha preocupação com a reação dos pequenos às palavras de Francesca, eu não parava de pensar em Samar. O que aconteceria quando ela visse aquela palavra entalhada em mim? Será que acharia que era para ela e sua família, como desconfiavam Francesca e a polícia?

Ela voltou para casa sozinha. Alguns metros à sua frente vinha Stephen.

Na calçada, a repórter de um jornal do bairro esperava para entrevistar os passantes. As notícias se espalham bem depressa aqui por essas bandas. Ainda mais quando se trata de um incidente envolvendo a fita amarela da polícia.

"Você viu o que aconteceu?", repetia sem parar a repórter. "Você já fez um pedido no dia dos desejos? O que acha que a palavra 'FORA' quer dizer?"

Ela abordou Stephen. Perguntou se o menino sabia por que alguém gravaria a palavra "FORA" na tão amada árvore dos desejos.

Stephen só encarou a mulher. Então olhou para trás, lançando a sombra de um sorriso triste para Samar. Sem responder à pergunta, ele se

virou e foi para casa.

O olhar de Samar foi de Stephen para a repórter, e então para mim. Ela veio correndo, viu a palavra e ofegou. Esticou a mão para me tocar, mas, por causa da fita da polícia, eu estava fora do seu alcance.

— Você mora aqui? — perguntou a repórter. — Gostaria de comentar o incidente?

Samar não disse uma palavra. Virou-se e subiu os degraus desgastados da casinha azul. Estava de cabeça erguida. Firme e forte.



Por volta das seis da tarde, Sandy e Max voltaram. Os policiais foram bater na casa verde.

Os pais de Stephen abriram a porta e responderam a todas as perguntas. Balançaram a cabeça. Deram de ombros. Depois, fecharam a porta e as cortinas.

Os policiais foram bater na casa azul. Os pais de Samar abriram a porta e responderam a todas as perguntas. Enxugaram os olhos. Suspiraram. Depois, também fecharam a porta e as cortinas.

Enquanto caminhavam de volta à viatura, Sandy parou à minha sombra.

— Talvez fosse bom a gente fazer um pedido — disse ela. — Pode ser nossa última chance.

— Vou dizer para você qual é meu desejo — respondeu Max. — Queria não ter que investigar coisas assim.

Sandy o confortou com tapinhas no ombro.

— Eu não contaria muito com isso, se fosse você.

Quanto a mim, passei a noite tranquilizando os pais e filhos que faziam de mim o seu lar. É claro que a preocupação deles não era ter que

mudar de casa num futuro próximo. Estavam preocupados comigo.

E eu também estava. Não queria ter que deixar o mundo que tanto amo. Queria conhecer os filhotinhos da primavera seguinte. Queria elogiar o novo broto que havia do outro lado da rua, um bordo, quando suas folhas assumissem o tom vermelho do crepúsculo. Queria que minhas raízes chegassem ainda mais longe, e meus galhos, ainda mais alto.

Mas isso é o que acontece quando se ama tanto a vida. Eu bem que poderia aceitar que a minha hora tinha, enfim, chegado. Depois de uma vida como a minha, quem poderia reclamar?

No entanto, minha preocupação era com os bebês, com os pais deles tendo que se virar para encontrar um lugar novo e seguro para construir seus ninhos, cavar suas tocas, esconder seu estoque invernal de bolotas.

Acima de tudo, minha preocupação era com Samar.

Não sei por quê. Talvez fosse porque ela me lembrava tanto outra menininha, de um tempo que já tinha passado havia muito. Uma menininha que tinha conseguido encontrar em mim um abrigo seguro.

A bisavó de Francesca.

Como eu já disse, eu e ela, nós temos história.





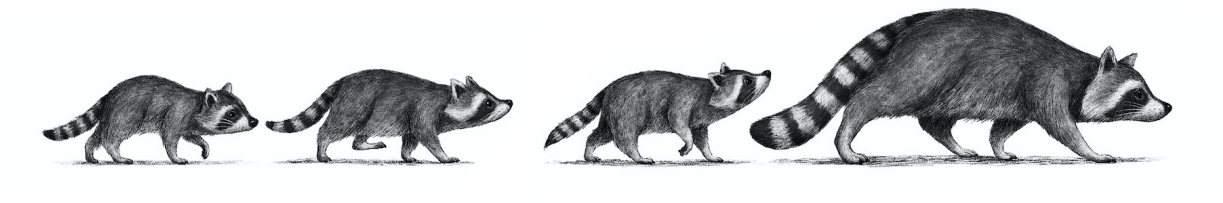
Bem depois da meia-noite, Samar veio me visitar. Estava com um roupão azul. Seus cabelos enrolados e escuros estavam presos em um rabo de cavalo frouxo. Ela trazia o luar nos olhos.

Sentou-se em seu cobertor, junto às minhas raízes. Não olhou para a palavra gravada, nem para o fiapo de lua no céu, nem para as casas azul e verde. Só ficou ali sentada, em silêncio, esperando.

Sempre demorava um pouco. Mas sempre acontecia.

Um a um, os filhotes foram vê-la.

Haroldo foi o primeiro a se aventurar, batendo as asinhas desajeitadas até chegar ao chão. Depois foram os nenéns guaxinins, Você, Você e Você. (As mães guaxinins são sabidamente esquecidas, então não perdem tempo tentando batizar seus filhos com nomes tradicionais.) Os gambás. Os cangambás. Todos foram.



Samar continuou imóvel. Os pequenos a cercaram. Juntos, ficaram ali sentados sob o brilho do luar, ouvindo o farfalhar das minhas folhas.

Bongô se encarapitou no ombro de Samar.

— Olá — disse, na versão corvídea da voz dela.

— Olá — respondeu a menina, ecoando o eco.

Bongô crocitou, assustando Samar. O grasnar dela é sempre meio brusco, até o mais suave. Bongô voou para a minha menor cavidade e pôs a cabeça lá dentro, deixando só a cauda para fora. Quando voltou para o chão, pousando à frente de Samar, trazia algo brilhante no bico. Com muita delicadeza, deixou na mão da menina uma minúscula chave prateada presa a um longo pedaço de fita vermelha desbotada.

— Que lindo — sussurrou Samar. — Obrigada.

Bongô se inclinou para a frente, com as asas abertas, fazendo uma espécie de reverência. Um gesto que, nos círculos corvídeos, era sinal de grande afeto.

Eu já tinha visto aquela chave antes. Bongô a "herdara" de sua mãe. Corvos vivem em grandes famílias e passam informações de geração a geração. Não me surpreendi ao ver que Bongô ainda tinha a chave, nem que tivesse decidido dar esse presente a Samar.

Naquela doce calmaria, em meio a tudo aquilo que eu mais amava — luar, ar fresco, grama, animais, terra, gente —, pensei, com uma pontada de dor, que talvez já não me restasse muito tempo para saborear momentos como aquele.

Também fiquei me perguntando se teria feito o suficiente pelo mundo que eu tanto amava. Não era uma dúvida inédita, mas quando confrontamos a ideia da morte iminente, nossa atenção fica mais aguçada.

Eu sabia, é claro, que tinha fornecido sombra de sobra. Que havia produzido oceanos de oxigênio para as pessoas respirarem. Que tinha sido o lar de um desfile infinito de animais e insetos.

Já cumprira a minha função. Afinal, uma árvore é só uma árvore. Era como eu dissera a Bongô: "Cada um de nós cresce como deve crescer, de acordo com o que nossas sementes determinaram há muito, muito tempo."

Mas, mesmo assim…

Duzentos e dezesseis anéis de idade. Oitocentas e sessenta e quatro estações. E eu ainda sentia que faltava algo.

Minha vida tinha sido tão… previsível.

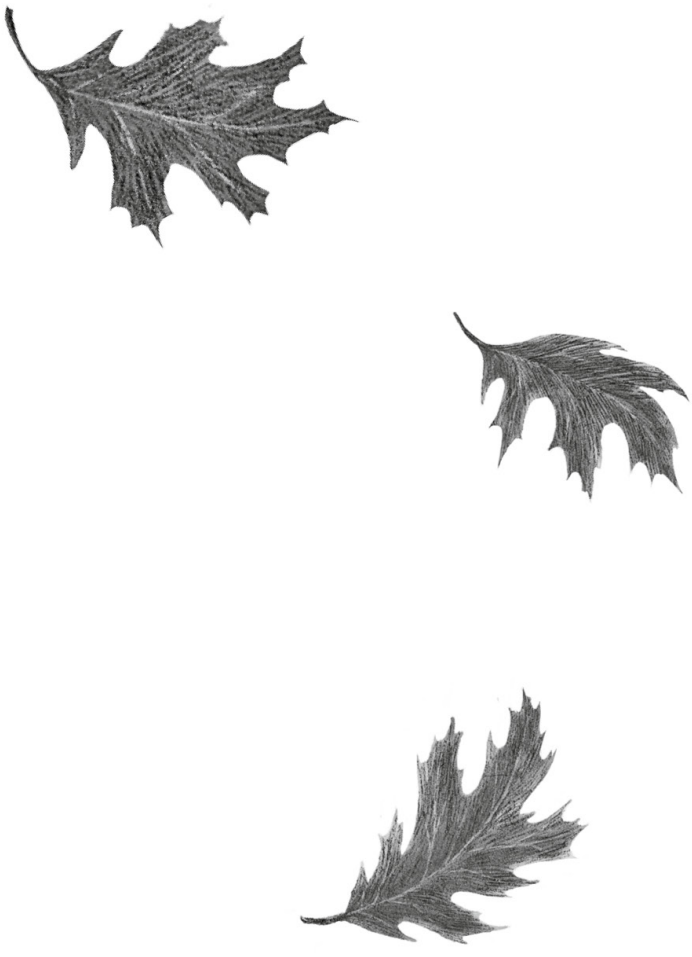
No segundo andar da casa verde, a cortina se mexeu.

Por trás dela, mal dava para discernir os contornos de Stephen, que nos observava.

Eu sabia o que ele estava pensando. Uma das vantagens de ser excelente ouvinte é que se aprende um bocado sobre o funcionamento do mundo.

Nos olhos de Stephen, refletido na forma como ele olhara para Samar naquela tarde, eu tinha visto algo que já vira tantas vezes antes.

Um desejo.





Depois que Samar foi embora, fiquei com uma sensação de inquietude.

Inquietude não é um sentimento útil para uma árvore.

É de pouquinho em pouquinho que a gente se mexe, célula por célula, raízes avançando centímetro a centímetro, brotos se voltando para os raios de sol. Fora isso, nos mexemos quando alguém nos transplanta para um lugar novo.

Quando se é um carvalho-vermelho, ansiedade não tem muita serventia.

Nós, árvores, escutamos, observamos, suportamos — como eu bem já disse. Ainda assim, nem que fosse só uma vez antes de me despedir desse mundo, eu desejava não ser tão passiva. Como seria participar ativamente das histórias que se desdobravam ao meu redor? Ou mesmo poder contribuir um pouco para que as coisas melhorassem?

— Bongô — chamei, baixinho. — Está acordada?

— Agora estou — resmungou ela.

— Tenho uma pergunta.

— Respondo amanhã de manhã, bem cedinho.

— Como surge uma amizade?

A resposta de Bongô foi um ronco.

Logo vi que era de mentira. Os roncos verdadeiros da minha amiga eram tão altos que chegavam a assustar os filhotes de gambá.

— Estou falando sério — insisti.

Bongô grunhiu.

— Sei lá. Só acontece e pronto.

— Mas *como* acontece?

— Amigos têm coisas em comum — disse Bongô. — Pronto. Aí está a sua resposta, em cinco palavras. A gente se fala depois, em uma hora digna da manhã.

Pensei nas palavras dela.

— Mas se a gente pensar bem, o que eu e você temos em comum, no fim das contas?

Com um suspiro alto, Bongô voou até o chão.

— Pronto. Você conseguiu, agora estou totalmente desperta. O que é que está pegando?

— É só uma ideia, um pensamento que eu tive.

— Sabe no que eu estou pensando? Que ideias são má ideia — respondeu Bongô. — Principalmente quando envolvem alguém se intrometendo na vida dos outros. E sim, estou falando de você, Red.

— De volta à minha pergunta. Como surgiu nossa amizade?

— Ah, está bem, então. Deixa eu pensar um minutinho.

Bongô se pôs a caminhar bem devagar ao redor do meu tronco, pensativa.

Amo como os pássaros se movimentam, tão diferente das árvores. Nós nos curvamos ao vento. Vivemos com graciosidade, sem pressa. Pássaros, por sua vez, vivem às revoadas e aos solavancos. Balançam a cabeça de um lado para outro, como se estivessem sempre recebendo notícias surpreendentes.

Bongô se deteve.

— Bem, para começar, você é minha casa. E eu sou sua inquilina.

— Mas esse não é o verdadeiro motivo por trás da nossa amizade. Já tive residentes de quem eu não gostava muito.

— Está falando daquele esquilo? Como era mesmo o nome dele… Rubão? Aquele que tinha bafo?

— Isso não vem ao caso.

— Sabia que você estava falando do Rubão.

— Bongô — pedi. — Por favor, se concentre.

Bongô me encarou.

— Eu sou sua amiga porque sou sua amiga, Red. Isso não basta?

Ela falou com uma voz doce e suave, bem diferente de seu costumeiro tom crocitante e direto.

— Você está certa — respondi. — Mas suponhamos que duas pessoas tenham que ficar amigas. Como você faria isso acontecer?

— Hum… Acho que eu faria com que elas tivessem algo para fazer em conjunto, para que passassem um tempo juntas. Elas iriam bater papo, rir das besteiras uma da outra. *Voilà*. Amizade. Certo?

— Hmmm…

— Não gosto quando você faz "hmmm". "Hmmm" sempre acaba com você tendo ideias.

— Pode voltar a dormir, Bongô. Obrigada pela conversa. Você é uma boa amiga.

— Você também. — Bongô voou de volta para seu ninho. — Ei, vê se me deixa dormir até mais tarde amanhã de manhã.

— Bongô.

— Ai, o que *foi*?

— Uma última coisa. Como as pessoas conseguem ser tão cruéis umas com as outras?

— Mas os bichos não são um bando de anjinhos, também. Ontem à noite eu vi a Agnes comendo uma lagartixa em uma dentada só.

Agnes, a coruja-das-torres que morava com seus filhotes na minha cavidade mais alta, bateu as asas, irritada.

— Epa, eu preciso comer. E quem você acha que é para falar de mim, Bongô? — respondeu ela. — Existe *alguma* coisa que os corvos não comam?



— A questão é que o mundo é um lugar difícil — prosseguiu Bongô. — E isso vale tanto para os coelhos quanto para os lagartos e as crianças humanas.

Logo depois, Bongô começou a roncar — de verdade, dessa vez —, mas eu ainda estava muito inquieta.

— Mamãe, que barulho horrível é esse? — perguntou um filhote de gambá apavorado.

— É só a Bongô dormindo — respondeu a mãe.

Minha amiga estava certa. Eu estava mesmo começando a nutrir uma ideia.

Ela sempre dizia que eu adorava uma fofoca, isso quando não me chamava de otimista.

Ou quando dizia que eu parecia uma velhota intrometida e otimista.

Bom, tem coisa muito pior para ser.

Nós, árvores, fazemos o tipo forte e silencioso.

Mas nem sempre.



– Bongô – falei, bem cedo naquela mesma manhã, enquanto as últimas estrelas desapareciam como vaga-lumes exaustos —, preciso que você faça uma coisa para mim.

— Tem batatinhas na jogada? — murmurou ela.

— Não.

— Então prefiro dormir.

— É a Samar.

— Você prometeu que ia me deixar dormir até mais tarde.

— Não prometi, não.

— Ficou subentendido.

— Quero realizar o desejo da Samar.

Isso fez Bongô despertar. Ela voou para o galho favorito dela, que tinha batizado de quartel-general.

(Bongô gosta de ficar vendo as crianças brincando com seus soldadinhos de plástico no jardim.)

— Peraí, Red, não é para você *realizar* os desejos. Você é o lugar que recebe os desejos. Você é tipo… uma lata de lixo bem velha. Com todo o respeito.

— Passei duzentos e dezesseis anéis aqui, imóvel sobre as minhas raízes, ouvindo as pessoas desejarem coisas. E, na maioria das vezes, acho, esses desejos nunca se realizaram.

Bongô alisou uma pena que estava desalinhada.

— Às vezes é melhor assim. Lembra aquele menininho que desejou uma escavadora?

— Eu fico aqui parada, inerte. Só observando o resto do mundo.

— Você é uma árvore, Red. Meio que não tem muito para onde fugir.

— O desejo dela é um bom desejo. E é algo que eu posso realizar. — Hesitei. — Quer dizer, que *nós* podemos realizar.

— Já estava pressentindo que a conversa ia descambar para esse lado. — Bongô voou para o chão. — Olha, eu ouvi o desejo da Samar. Como exatamente você pretende arrumar um amigo para ela?

— Você vai ver — falei, torcendo para parecer mais confiante do que estava me sentindo.

— Red. — Bongô caminhava de um lado para outro, a cabeça balançando para a frente a cada passo. — Temos assuntos mais graves para resolver, camarada. Tipo a Francesca dizer que pretende transformar você em palitos de dente. E seus moradores estão perdendo a cabeça, pensando que vão ter que encontrar outro lugar para morar se isso acontecer. — Ela chegou mais perto e me deu uma bicadinha afetuosa. — É claro que também estão preocupados com você.

— Eu sei.

Pãoquentinho botou a cabeça para fora do buraco embaixo da varanda da casa em frente. O dia mal tinha clareado, então só dava para ver a listra branca solitária no meio do rosto dela.

— Já me ofereci para abrigar temporariamente uma das três famílias — anunciou ela. — De preferência os gambás. Eles se comportam melhor que os Vocês.

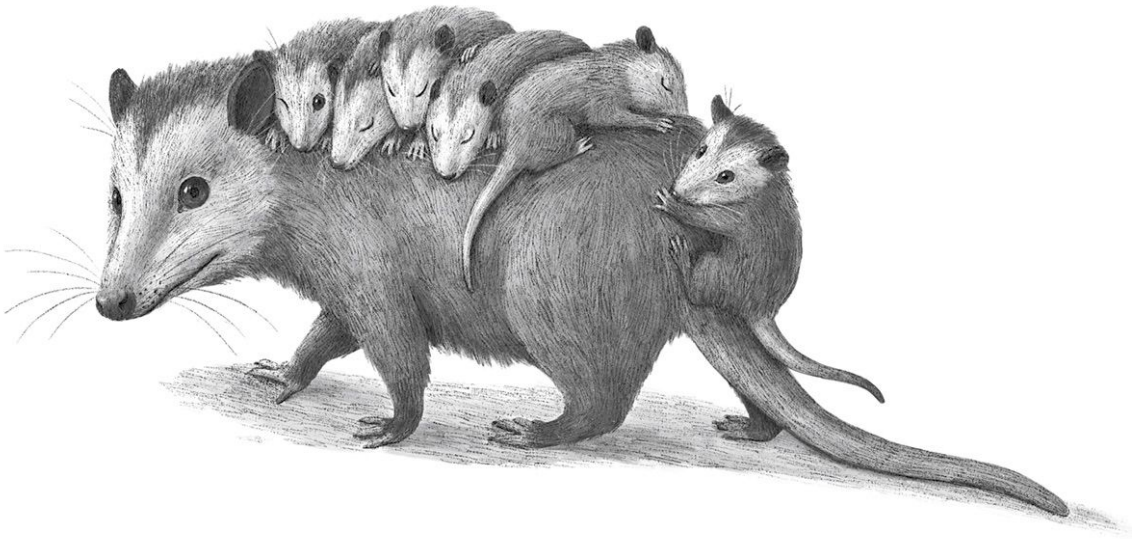
— Que generosa, Pão — falei.

No entanto, fui interrompida por Vocêzona, a mãe dos três filhotes de guaxinim. Ela estava na entrada do meu oco maior, irritada.

— Com licença! — exclamou. — Você, Você e Você são muito educados!

— Eles são… intrometidos demais — retrucou Pãoquentinho. — Vivem metendo o nariz onde não são chamados. Agarrando tudo com aquelas patinhas.

— Bom, pelo menos eles não fedem! — gritou Vocêzona. — E tem mais uma coisa: que eu saiba, os seus filhos também têm patinhas!



Aranhapeluda, a mãe dos gambás, botou a cabeça para fora da cavidade em que morava, ressabiada.

Os gambás recebem o nome de coisas de que sentem medo.

— O fedor está no nariz de quem cheira — falou Aranhapeluda. — E embora eu, pessoalmente, ache que seus filhos têm um aroma delicioso, Pão, já estou de olho naquela pilha de lenha a duas casas daqui. Para mudar meu ninho para lá. Caso aconteça algo com Red. — Ela deu duas batidinhas no meu tronco. — Com todo o respeito, meu bem, mas estou só me precavendo, sabe?

— Tudo bem, eu entendo — tranquilizei-a.

— Ei, eu vi aquela pilha primeiro! — gritou Vocêzona.

— Vá dividir a toca dos cangambás — retrucou Aranhapeluda.

— Mas nem morta que eu entro naquele lugar! — exclamou Vocêzona. — Não depois de ouvir que meus filhos "intrometidos" são indesejados.

— Bom, eles são mesmo um pouco barulhentos — retrucou Aranhapeluda.

— Pelo menos os meus filhos têm coragem — disparou Vocêzona. — Pior os seus, que desmaiam de medo da própria sombra.

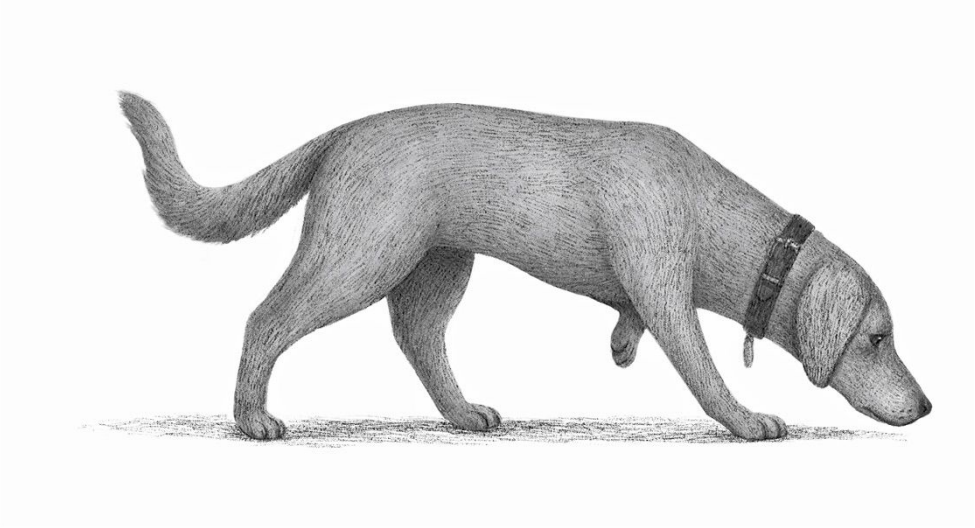
— Ora, se fingir de morto é uma adaptação muito útil — argumentou Aranhapeluda, com o nariz rosa tremendo. — O mundo é um lugar perigoso. E nós não conseguimos controlar isso. O negócio só acontece e pronto.

— Se permitem que eu me intrometa — disse uma voz tranquila, vinda dos meus galhos mais altos: Agnes. — Acabou de vagar uma

belíssima tília a dois quarteirões daqui, que era a toca de uma família de esquilos. Estamos considerando essa possibilidade. O problema é o gatão que vive solto por ali. Tem coleira, mas sem guizo, o que não é bom. Além disso, tem também um cachorro grande e babão.

— Para ser justa, todos os cachorros são babões — observou Bongô.

— Eu acho que vocês deveriam se acalmar — interrompi. — Não vamos sofrer por antecipação. Um dia de cada vez, minhas amigas. Quem sabe o que vai acontecer amanhã?



As mães me encararam. Ouvi uma boa dose de suspiros.

— Estou exagerando nessa coisa de Árvore Velha e Sábia? — perguntei.

— Está sim, um pouco — confirmou Bongô, enquanto todas voltavam para suas tocas, exasperadas. — Elas só estão meio tensas. Preocupadas com a sua… situação.

— Estou vendo.

— Eu também estou preocupada — disse ela, em um quase sussurro.

— Eu sei — respondi, baixinho. — Mas existe um lado bom para…

— Red — cortou Bongô.

— Desculpa.

— Tem que haver algo que eu possa fazer — disse ela.

— Você é uma boa amiga, Bongô. Mas, às vezes, não podemos fazer nada além de seguir firme e forte.

— Red!

— Desculpa — repeti.

— O que é que eu vou fazer sem você, Red? — disse Bongô, baixinho.

— Você vai ficar bem, minha amiga. Prometo.

Ficamos em silêncio.



Bongô, enfim, sacudiu as asas para aliviar a tensão, crispando as penas.

— Enfim. A questão, na minha opinião, é que talvez não seja o melhor momento para sair por aí realizando desejos.

— Eu já acho que não tem momento melhor — respondi.

Bongô grunhiu seu grunhido de velhinho ranzinza.

Ela sabia que eu não ia ceder.

Assim, começamos a elaborar nosso plano.



Uma hora e meia depois, quando Stephen saiu para a escola, nós pusemos em prática o Plano Número Um.

Ele mal tinha chegado à calçada quando Bongô deu um rasante certeiro em sua mochila. Futucando o zíper com o bico, ela crocitava sem parar.

Quando querem, os corvos sabem ser bem escandalosos.

— O que foi? — gritou Stephen. — O que deu em você hoje, pássaro?

Ele largou a mochila no chão. Bongô aterrissou em cima dela e olhou para o menino, esperançosa.

— Batatinha, por favor — disse ela.

Stephen revirou os olhos.

— Sério mesmo?

— Olá — disse Bongô. — Batatinha, por favor.

Stephen pôs as mãos na cintura.

— Ok. Está bem. Sabe, eu já vi você aplicando esse golpe antes, no ponto de ônibus.

Bongô saltitou para o chão, e Stephen abriu a bolsa.

— Você é irado — falou ela, muito educada.

Stephen pegou a lancheira e abriu.

— Vejamos. Tenho um sanduíche de atum. Palitinhos de cenoura…

No entanto, antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, Bongô se enfiou dentro da mochila, pegou uma folha de papel e levantou voo.

— Ei! Isso aí é meu dever de casa de inglês! — gritou Stephen. — Volta aqui, seu ladrãozinho!

Bongô adejou lá para os meus galhos mais altos, aterrissando com um grasnido vitorioso.

Stephen ficou rodeando meu tronco, lá embaixo, acompanhando a linha da fita amarela que ainda me cercava.

— Por favor, corvo — implorou ele. — Eu te dou meu sanduíche inteirinho. Por favor, vai?

Bongô prendeu o papel com as garras, deixando o bico livre para responder:

— Nem pensar.

Depois de passar mais alguns minutos suplicando, Stephen desistiu.

— Maravilha — resmungou ele, pegando a mochila. — Nunca que a sra. Kellerman vai acreditar que um corvo comeu meu dever de casa.



Quando Samar saiu de casa, era hora de executar o resto do plano.

Ela parou, como sempre, para dizer oi para Bongô, e minha amiga, como sempre, disse oi também. Só que, dessa vez, Bongô surpreendeu Samar ao pousar no ombro dela e lhe entregar uma folha de papel amassada.

Samar pegou a página.

— Isso aqui é do Stephen. Caramba, como é que você arrumou isso?

— Nem pensar — disse Bongô, se esquivando da pergunta.

— Bom, eu vou devolver para ele, pode deixar — disse Samar.

Bongô crocitou de levinho e voou até mim.

Perfeito. Um plano simples, executado de maneira primorosa.

Samar entregaria o dever de casa para Stephen. Isso daria início a um papo sobre o corvo maluco que morava no grande carvalho. Eles dariam boas risadas juntos. Trocariam experiências. Perceberiam que tinham muito em comum.

Voilà. Amizade.

Teria sido um ótimo plano.

Se não fosse pelo que aconteceu alguns segundos depois.

Samar percebeu que um amigo de Stephen passava por ali naquele instante, correu até o menino e pediu que entregasse o papel a Stephen.

E esse foi o fim.

— É, me meter na vida dos outros não é tão fácil quanto eu achava — confessei a Bongô.

— Ei, eu fiz a minha parte.

— Você foi perfeita — falei. — Bem, só precisamos tentar outra vez. Nós não temos muito tempo.

— Red — disse Bongô, suspirando —, por favor, nem me lembre disso.



Naquela tarde, foi a hora de tentarmos o Plano Número Dois.

— Isso não vai dar certo, Red — disse Bongô, andando de um lado para outro na grama.

— Pessimista — falei.

— Otimista — retrucou ela.

No entanto, lá no fundo, eu também tinha minhas dúvidas. Nosso segundo plano exigia a ajuda de um dos filhotes.

Houve um certo fuzuê para decidir qual das crianças nos ajudaria — mas também, desde que Francesca tinha ameaçado mandar me cortar, tudo sempre acabava em fuzuê. Era muito frustrante ver os meus moradores se voltando uns contra os outros, ainda mais porque, até então, eles estavam se dando tão bem.

O problema era mesmo bem grave. No entanto, se eu estava lidando com ele, o mínimo que eles poderiam fazer era se comportar nos nossos últimos dias juntos.

Bongô tirou a sorte com uma das moedas da sua coleção de tesouros, e assim chegamos ao nosso ajudante: o menorzinho dos gambás, Lanterna.

— Deixa eu ver se entendi direito — disse Bongô. — Você tem medo de lant…

— Shh! — sibilou Aranhapeluda. — Nós evitamos dizer essa palavra perto dele.

— E como é que vocês o chamam, então? — perguntou Agnes.

— Ele gosta de Teté — explicou Aranhapeluda.

— Bem, Teté — falou Bongô —, já entendeu o que tem que fazer, né? — O filhotinho se fingiu de morto. — Nossa, vocês são muito bons nisso!

Teté assentiu, animado.

— Gambás são os melhores fingidores de morto do mundo inteiro.

— Então você se finge de morto, Samar e Stephen veem você quando estiverem voltando da escola…

— Esperamos que voltem mais ou menos na mesma hora hoje — interrompi.

— … e entram em pânico — prosseguiu Bongô. — Quando virem que o gambazinho fofo talvez esteja morto, vão começar a conversar sobre o que deveriam fazer…

— Tem certeza de que não tem perigo? — perguntou Aranhapeluda. — Só de pensar, fico até tonta.

— Estaremos vigiando o tempo todo. E Stephen e Samar são crianças espertas — falei, tranquilizando-a. — Eles sabem que não devem encostar em um animal doente.

— Então eles vão chamar os pais, ou chamar a patrulha ambiental, talvez um veterinário, e enquanto estiverem ocupados — prosseguiu Bongô —, o pequeno Lanter… quer dizer… o Teté corre de volta para a toca. Samar e Stephen voltam aqui para fora e dão umas boas risadas ao ver que o gambá desapareceu, talvez os pais até engatem em uma conversa…

— Eu realmente acho que Você se sairia melhor no papel — queixou-se Vocêzona. — Ela é uma atriz nata. Ou então Você, ou mesmo Você.

— Já está resolvido — afirmou Bongô. — Tiramos no cara ou coroa, lembra?

— Só estou dando a minha opinião — resmungou Vocêzona.

Do outro lado da rua, o sinal da escola tocou, indicando que as aulas tinham chegado ao fim.

— Todo mundo em seus lugares! — mandou Bongô.

— Certeza de que vai dar certo — falei, no mesmíssimo instante em que Bongô dizia:

— Certeza de que vai dar errado.



– E… ação! – sussurrou Bongô.

O pequeno Teté se adiantou, gingando, para o meio do gramado.

Deitou ali, enrolando-se de lado. Fechou os olhos. Arreganhou os dentinhos, afiados como agulhas.

— Perfeito — disse Bongô.

— Amorzinho, tente espumar um pouco pela boca — aconselhou Aranhapeluda.

Mais adiante, já dava para ver Stephen se aproximando.

Por sorte, Samar estava poucos passos atrás.

Teté se levantou de um salto.

— Estou fazendo direitinho, mamãe?



— Você está indo muito bem, meu docinho — elogiou Aranhapeluda. — Mamãe está tão orgulhosa do gambazinho dela!

— FIQUE MORTO! — gritou Bongô.

— Ah, é! — Teté deu de ombros. — Eu meio que esqueci, tia Bongô.

— Não sou sua tia — falou Bongô. — Nem da sua espécie eu sou.

— Ora, mas isso não importa… — repreendi.

— FIQUE MORTO! — repetiu Bongô.

Teté soltou um soluço.

— Ah, céus — disse Aranhapeluda. — Ele fica com soluço quando está nervoso.

— Por que eu não posso me fingir de morta também, mamãe? — perguntou Rosapétala.

— CALEM A BOCA, PIRRALHOS! — ordenou Bongô. — TETÉ, PARE DE SOLUÇAR, CARA!

— Lá vêm eles! — sussurrei. — Stephen e Samar!

Os soluços ficaram mais altos.

— LANTERNA! — disse Bongô. — AGORA!

— Não chama meu filho assim! — gritou a mãe dele.

Lanterna congelou. Parou de soluçar. Logo a espuma começou a escorrer da boca dele. Seus olhos semicerrados e sem vida estavam fixos no nada.

— Funcionou! — sussurrou Bongô. — Genial!

Stephen foi o primeiro a encontrar Teté. Samar vinha logo atrás.

— O que a gente faz? — perguntou Stephen.

"Sucesso", pensei. Eles estavam conversando!

— É melhor não encostar nele — falou Samar. — Pode ser raiva. Ou ele pode estar só se fingindo de morto. Li em algum lugar que os gambás fazem isso.

— Eu vou lá chamar a minha mãe. Ela vai saber quem temos que procurar para cuidar disso.

— Boa ideia — retrucou Samar.

Para minha decepção, Stephen e Samar trocaram acenos de cabeça e logo voltaram para suas respectivas casas.

E, mais uma vez, esse foi o fim.

Todo aquele trabalho para uma conversa de poucos segundos?

Como as pessoas faziam amigos? Não podia ser tão difícil…

Bem, pensei com meus botões, pelo menos Stephen e Samar chegaram a conversar. E isso era um bom primeiro passo, não é mesmo?

— Teté — chamou Bongô. — Hora de voltar para a toca, campeão. Antes que eles voltem.

Teté continuou congelado ali, uma bolinha de gambá.

—Teté? — repeti.

— Teté? Amorzinho? — chamou Aranhapeluda.

— Ah, céus — disse Vocêzona. — Acho que seu filho não está mais fingindo.

— Meu bebê! Meu Tetézinho querido! — gritou Aranhapeluda, e seus outros filhos começaram a choramingar alto.

— Vocês deveriam ter usado um dos Vocês — repreendeu Vocêzona.

— TETÉ! PARE DE FICAR MORTO! — gritou Bongô.

Ela saltitou até o gambazinho e o cutucou com o bico.

— Não se atreva a cutucar meu filho! — gritou Aranhapeluda. — Teté! Mamãe vai salvar você!

Aranhapeluda disparou para fora de sua toca, desceu correndo meu tronco e, de repente, desmaiou.

— Ah, que ótimo — resmungou Bongô. — Era só o que me faltava. Tal mãe, tal filho. E agora, Árvore Velha e Sábia?

— Você, pegue o Teté — instruí. — Pãoquentinho e Vocêzona, vocês podem resgatar a mãe? Arrastem a Aranhapeluda para a toca dos guaxinins, embaixo da varanda.

— Aranhapeluda chamou meus filhos de "barulhentos" — queixou-se Vocêzona.

— Vocêzona disse que meus filhos fedem — retrucou Pãoquentinho.

Dois séculos de idade, e poucas vezes eu tinha levantado a voz.

Aquele foi um desses momentos.

— AGORA! — gritei, no instante em que a porta da casa de Stephen se abriu.

Com a motivação certa, guaxinins e cangambás atingem uma velocidade incrível.



No fim, Stephen e sua mãe acabaram desistindo de tentar encontrar o misterioso gambazinho. Samar acompanhou tudo da janela de casa, mas não saiu.

Depois de mais ou menos uma hora, Aranhapeluda e Lanterna acordaram e voltaram, meio trêmulos, para sua toca.

E esse foi o fim. Outra vez.

— Não se preocupe — falei para Bongô. — A terceira vez é a que conta.

— Como assim?

— Ué, os humanos sempre dizem isso. Acho que é só uma expressão.

— Humpf, humanos — resmungou Bongô. — Que coisa mais idiota de se dizer. Eles são cheios dessas frases bobocas. "A terceira vez é a que conta." Ah, então está bem, em vez de ter tido todo aquele trabalho das duas outras vezes, a gente deveria era ter feito *nada* — Bongô agitou as asas, irritada —, já que só conta *mesmo* na terceira vez!

— Já acabou? — perguntei.

— Desculpa. Estou preocupada com você. E fico meio ranzinza quando estou preocupada.

Bongô arrancou do chão uma folhinha de grama nova e a atirou de lado.

— Tenho mais um plano para fazer Samar e Stephen ficarem amigos — falei.

— Que tal pensar num plano para você não virar uma mesa de piquenique?

— Nem tudo na vida eu posso controlar — falei. — E, se pudesse, qual seria a graça? Mas essa coisinha… O desejo da Samar… Isso eu posso realizar. — Hesitei. — Pelo menos, acho que posso.

— Não consigo entender por que você está dando tanta importância a isso.

— Samar me faz lembrar uma menina que conheci muito tempo atrás.

— Você é a árvore mais intrometida que existe — reclamou Bongô. — Mas eu amo você mesmo assim.

A expressão dela era o equivalente dos corvos a um sorriso — bico aberto, cabeça de lado, olhos brilhando.

— E aí, qual é o Plano Número Três?





Assim que a noite caiu, instruí Bongô sobre sua próxima missão.

— Você só tem que soltar o desejo da Samar — falei.

— Ah — respondeu ela. — Só isso?

Bongô voou para o galho baixo em que a menina tinha amarrado seu retalho rosa de bolinhas. Puxou o pano com o bico várias vezes.

— É mais difícil do que parece — constatou ela.

— Você é um corvo. Use uma ferramenta.

Corvos têm fama de saber fazer e usar ferramentas. Acho que são os pássaros mais inteligentes que existem.

— Hmmm… — Bongô deu mais um puxão e parou para pensar. — Tenho um clipe de papel na minha coleção. Posso tentar.

— Não vai dar certo — agourou Agnes, em seu ninho.

No fundo, acho que as corujas têm certa invejinha dos corvos.

Uma a uma, as cabeças foram surgindo para fora das tocas no meu tronco, assim como da toca de cangambás embaixo da varanda, todos interessados em ver Bongô em ação.

— O que a Bongô está fazendo, mamãe? — perguntou um dos Vocês.

— Vai usar uma ferramenta — disse Vocêzona. — Não é nada de mais.

— Pessoal, se vocês não têm nada construtivo para dizer — falei —, então, por favor, não digam nada.

Bongô voltou com um pedaço de metal amassado.

— Clipe de papel aberto — explicou ela. — Encontrei no parquinho da escola.

Com grande esforço, ela conseguiu enfiar a parte aberta do clipe dentro do nó. No entanto, por mais que tentasse, não conseguia desatá-lo.

— Estou… quase… lá — murmurou Bongô, com o bico trincado.

— Por que a Bongô está fazendo isso? — perguntou Haroldo a Agnes.

— Sabe-se lá o que se passa na cabeça dos corvos — respondeu Agnes.

— Porque eu pedi — retruquei. — Porque é importante para mim.

Com um grunhido frustrado, Bongô deixou o clipe de papel cair no chão.

— Não está dando certo, Red — disse ela.

— Talvez esteja na hora de desistir dessa ideia — falei, suspirando. — Meu destino não é ajudar. É só ficar aqui, imóvel. Sem poder fazer nada.

Uma brisa suave balançou de leve minhas folhas. Ninguém disse nada.

— Peraí — falou Vocêzona. — Talvez eu possa te dar uma patinha.

— Você é pesada demais para esse galho — observou Agnes.

— Vamos deixar a Vocêzona tentar — falei.

Com muito cuidado, a guaxinim subiu no galho em que Samar amarrara seu pedido, avançando bem devagar.

De fato, ela era bem pesada, e meu galho se curvou quando ela subiu nele, mas aguentei firme. Ela escarafunchou o nó usando as patas da frente. Em pouco tempo, conseguiu soltar o pedaço de pano.

— Tcharãããã! — gritou ela, com o retalho na pata direita.

— Bom, eu já tinha afrouxado o nó para você — disse Bongô, emburrada.

— Foi um esforço conjunto — declarei. — Trabalho em equipe. E agradeço muito às duas.

— Pronto, você conseguiu o desejo — falou Agnes. — E agora, Red?

— Agora esperamos Samar vir nos visitar — respondi. — E aí Bongô vai fazer seu truque de mágica.





O luar prateado nos banhava com sua luz azul fria enquanto esperávamos a visita noturna de Samar.

Ela saiu de roupão e chinelos. Sentada no cobertor, ficou aguardando pacientemente que os filhotes viessem falar com ela. Trazia pendurada no pescoço a fita e a chave que Bongô lhe dera.

— Onde está a minha amiga corva? — sussurrou ela, enquanto os Vocês davam cambalhotas à sua frente.

Ergueu os olhos para os meus galhos mais altos; ainda bem que eu tinha falado para Bongô se esconder no telhado de Stephen.



Bem a tempo, Bongô voou até a janela do quarto do menino e encarapitou-se no parapeito. Trazia pendurado no bico o desejo de Samar.

Minha amiga bateu, com cuidado, no vidro da janela de Stephen.

Nada aconteceu.

Eu dissera a Bongô que ela deveria ser o mais silenciosa possível. Não queria que Samar percebesse que estávamos tramando alguma coisa.

Toc, toc, toc. Mais alto da segunda vez.

Nada, ainda.

Parecia que Stephen tinha o sono bem pesado.

Bongô olhou para mim. Seus olhos perguntavam "E agora?".

Tentou outra vez. *TOC, TOC, TOC.*

Samar se sobressaltou.

— O que foi isso? — perguntou.

Felizmente, Haroldo pegou a deixa e a distraiu com uma tentativa de pousar no braço dela. Acabou sendo mais um pulinho desconjuntado do que um voo, e Samar deu uma risada.

"Boa, Haroldinho", pensei.

Bongô deixou o pedido de Samar no parapeito. *TOC. TOC. TOC.*

Nada.

Ficou andando de um lado para outro em frente à janela. Então, estacou.

À luz do luar, vi um brilho em seus olhos.

Bongô se aproximou do vidro o máximo que pôde e fez sua melhor imitação de sirene de caminhão de bombeiro.

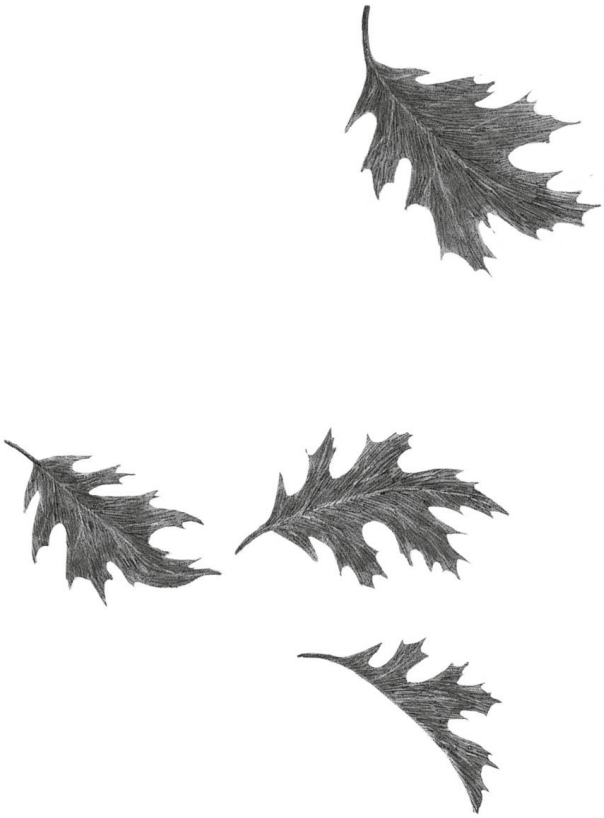
Quando Stephen escancarou a janela, Bongô já estava de volta ao telhado, apenas observando seus esforços valerem a pena.

Stephen olhou para fora. Esfregou os olhos. Encontrou o retalho de pano no parapeito da janela. Com o cenho franzido, ele o olhou mais de perto, procurando o melhor ângulo para que o luar iluminasse as palavras.

Então, seu olhar desceu para o gramado.

Lá estava Samar, olhando para ele, cercada de um grupo curioso de filhotes variados.

— Você é irado — disse Bongô.





Quando Stephen saiu de mansinho pela porta da frente, estava usando um pijama vermelho e um casaco de moletom cinza. Seu cabelo castanho-claro estava amarfanhado, e seus olhos, sonolentos. O feixe da lanterna em sua mão atravessou a escuridão.

Os filhotes se voltaram para ele e congelaram, amedrontados. Seus olhinhos brilhavam como pequenas luas.

Teté soltou um guincho apavorado.

Stephen apagou a luz, e Teté pareceu se acalmar um pouco, embora continuasse soluçando.

— Oi — sussurrou Stephen.

— Olá — murmurou Samar em resposta.

Stephen se sentou ao lado dela. Os filhotes observavam, atentos.

— Por que eles vêm até você? — perguntou Stephen.

— Não sei.

— É como se você fizesse mágica.

— Não. — Samar negou com a cabeça. — Eu sou só… bem quieta. Eles gostam.

Bongô desceu voando para o ombro de Samar.

— Olá — disse ela a Stephen, imitando a voz de Samar.

— Uau — respondeu ele. — Isso foi incrível.

— Ontem eu ouvi essa mocinha imitando uma campainha — contou a menina.

Stephen deu um sorriso.

— Ela me deu essa chave — prosseguiu Samar, mostrando o cordão a ele. — Não sei o que ela abre. Um diário talvez, ou uma caixinha de joias.

— Ou a menor porta do mundo — brincou Stephen.

Durante algum tempo, todos se calaram. Até os filhotes de guaxinim ficaram sossegados.

Por fim, Stephen estendeu a mão, revelando o pedido de Samar.

— Encontrei isso aqui — falou ele.

Mesmo à luz tênue do luar, Samar ruborizou visivelmente e desviou os olhos.

— Sobre aquela palavra… eu sinto muito — disse Stephen, baixinho. — A palavra na árvore. Nós não… não fomos nós.

Samar assentiu.

— Meus pais não são pessoas ruins. Eles só… têm medo das coisas. — Stephen deu de ombros.

— Os meus também — respondeu Samar. — Ouvi meu pai falando em se mudar. Se conseguirmos encontrar um lugar seguro para ir. — Ela abriu um sorriso melancólico. — Como se existisse um lugar assim.

— Sinto muito — repetiu Stephen.

Os filhotes, sentindo que Stephen era de confiança, voltaram a brincar e brigar. Haroldo e o Você mais novinho começaram a zanzar em busca de insetos. Rosapétala e seu irmão, Pipoca-amanteigada, se puseram a brincar de cabo de guerra com uma folha comprida.

— Vou sentir saudade deles — falou Samar.

— Tomara que você não tenha que se mudar — disse Stephen.

Então, uma luz se acendeu na casa dele.

— É melhor eu ir — falou ele. — Se meus pais me virem aqui… Bom, eu tenho que ir.

— Boa noite — sussurrou Samar.

Ah, quanta coisa eu queria poder dizer àqueles dois! Queria dizer que amizade não tem que ser complicada. Que às vezes nós é que permitimos que o mundo a transforme em uma coisa difícil.

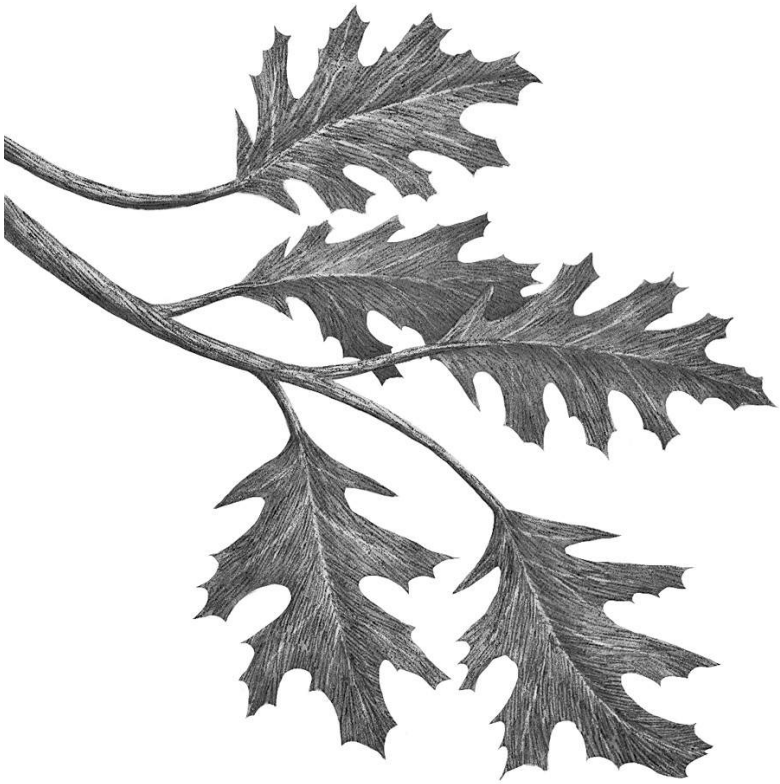
Queria falar que eles deveriam continuar conversando.

Queria fazer a diferença, nem que fosse só um pouquinho, antes de partir deste mundo lindo.

Então fui lá e fiz isso.

Eu quebrei a regra.

— Fique — falei.





Os bichos se viraram para mim, boquiabertos. Até os filhotinhos mais jovens conheciam a regra "Não fale com humanos".

Bongô voou para meu galho mais alto.

— Red! — disse ela, em um sussurro esganado. — Você não pode…

— Ah, mas eu posso, sim — retruquei. — O que tenho a perder?

— Mas…

— Como eu estava dizendo… — Voltei minha atenção para Stephen e Samar.

Eles estavam me encarando, estupefatos, queixos caídos e olhos arregalados, tão congelados quanto Teté ficara havia alguns minutos.

— Isso é um sonho — murmurou Stephen. — Né?

— Ao mesmo tempo? — perguntou Samar. — Será?

— Me belisca — pediu Stephen.

Samar obedeceu.

— Deu para sentir, com certeza — relatou Stephen.

— Talvez tenha sido um beliscão de sonho — sugeriu Samar.

— Com licença — interrompi. — Tenho a sabedoria de duzentos e dezesseis anéis de idade para passar adiante, mas meu tempo é curto.

Stephen pegou a mão de Samar.

— Se isso for um sonho — falou ele —, pelo menos é um sonho muito legal.

Então comecei a falar.



Nem sempre fui uma árvore dos desejos.

Começou em 1848, muito antes de meus arredores serem dominados por carros e concreto, quando eu ainda tinha poucas décadas de vida — para um carvalho-vermelho, eu era ainda uma arvoreta. Já tinha deixado de ser um broto e estava virando uma planta sólida e forte, mas ainda não estava ancorada à terra com a firmeza que tenho hoje.

Eram tempos, como tantos outros, em que pessoas famintas e desesperadas se amontoavam em navios para vir para cá. A maior parte delas acabava vindo parar, como sempre, na minha vizinhança. Naquela época, as casas verde e azul eram marrons, e viviam entupidas de recém-chegados.

Às vezes eles eram bem-vindos. Às vezes, não. Ainda assim, continuavam vindo, trazendo consigo suas esperanças e seus desejos, como os seres humanos sempre fazem.

Uma das nossas novas moradoras foi uma jovenzinha irlandesa chamada Maeve. Ela havia atravessado o Atlântico com o irmão de dezenove anos, que acabara morrendo de disenteria durante a viagem. A

mãe deles morrera pouco tempo depois de Maeve nascer; o pai, quando as crianças tinham nove e doze anos.

Maeve era um pouco atarracada e não muito bonita, mas, quando sorria, era como se os raios de sol abrissem caminho por entre as nuvens. Tinha uma risada grave, e seus cabelos brilhosos eram do mesmo tom avermelhado da minha melhor folhagem de outono.

Ao chegar, Maeve tinha dezesseis anos, estava sozinha e não tinha um tostão furado. Dividia um quarto com outros cinco imigrantes e trabalhava dia e noite limpando e cozinhando, fazendo tudo o que podia para sobreviver.

Maeve logo descobriu que tinha o dom de cuidar dos doentes. Não tinha nenhum conhecimento especial. Não tinha remédios secretos. Mas era gentil e paciente, e sabia como ninguém tratar uma testa febril com uma compressa gelada. Estava sempre mais que disposta a aprender.

Com o passar do tempo, as habilidades de Maeve foram ganhando fama. As pessoas vinham trazer seus leitõezinhos doentes e cavalos mancos, seus filhos gripados e seus bebês aflitos.

Ela sempre explicava que não sabia se conseguiria, de fato, ajudar. Mas, como as pessoas das redondezas eram pobres e não tinham dinheiro para ir ao médico, era Maeve quem procuravam.

E como essas pessoas acreditavam que ela seria capaz de ajudar, Maeve fazia o que podia para corresponder às suas expectativas.

Quando conseguia curar um paciente, e às vezes até quando não conseguia, as famílias deixavam pequenos presentes para ela: um passarinho entalhado em madeira, um enfeite de cabelo, meia broa de pão. Um dia, alguém até deixou um diário encadernado em couro, com uma chavezinha prateada para abrir seu cadeado.

Quando Maeve estava fora, atendendo os doentes, as pessoas começaram a deixar seus gestos de gratidão no meu oco mais baixo. Na época, o ferimento ainda era recente, e só fazia algumas estações que tinha se curado. Mas como é virado para a casa onde Maeve morava e não para a rua, era o lugar ideal para deixar um mimo.

Foi então que percebi que ocos podem beneficiar também as pessoas, e não apenas passarinhos e bichos.

E olha que a maior mostra disso ainda estava por vir.





Os anos se passaram, e Maeve se tornou parte da vizinhança (tanto quanto eu já era), e isso continuou mesmo com a chegada de ainda mais imigrantes, que traziam a música, a comida e as línguas de outras terras ao nosso pedacinho de mundo. Maeve tratava todos os seus pacientes da melhor forma que podia, não importava a origem.

Eu fui ficando mais forte, meus galhos mais velhos estavam cada vez menos flexíveis, e minha sombra estava mais longa.

Surgiram outras árvores e arbustos ao meu redor, mas sempre tinha sol de sobra para todos, e nunca nos faltava água.

Nessa época, eu já tinha sido o lar de muitas famílias, principalmente de ratos e pequenos roedores. Meu confidente era um jovem esquilo-cinzento chamado Roque. (O nome de todos os esquilos começa com um som de R forte).

Roque gostava muito de Maeve, que sempre trazia uns farelos de comida para o esquilinho.



Cá entre nós, eu e Roque vivíamos preocupados com Maeve. Àquela altura, ela já havia tido um ou outro pretendente, mas nada de concreto surgira daqueles flertes. Tinha amigos de sobra e trabalhava sem parar, do amanhecer ao pôr do sol. Ainda assim, ela parecia ser uma pessoa solitária. Às vezes, ela se sentava nos degraus da varanda, observando as famílias felizes que passavam por ali, e seus olhos ficavam marejados. À noite, ficava um longo tempo à janela do segundo andar, e sentíamos seus suspiros pairando na brisa, tão melancólicos quanto o lamento de uma pomba enlutada.

Maeve tinha o hábito de vir se sentar perto do meu tronco para escrever em seu diário. De vez em quando, lia em voz alta algumas passagens. Falava sobre a Irlanda, seus campos desaparecendo por trás da neblina. Falava da família que perdera. Falava de seus próprios segredos: as esperanças, os medos e os anseios. Ela carregava tanto amor dentro de si, mas não tinha ninguém a quem oferecer.

Maeve amava as primeiras horas da manhã, quando o mundo ficava velado pela névoa e o sol ainda era só uma promessa. Ela se recostava no meu tronco, fechava os olhos e murmurava uma das canções de sua infância.

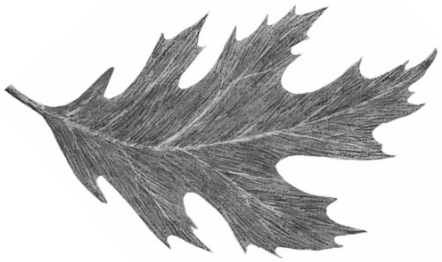
Certa vez, no primeiro dia de maio, Maeve veio me ver logo ao nascer do sol. Para minha surpresa, ela foi até meu galho mais baixo e amarrou, com um nó delicado e cuidadoso, um retalho de pano com listras azuis.

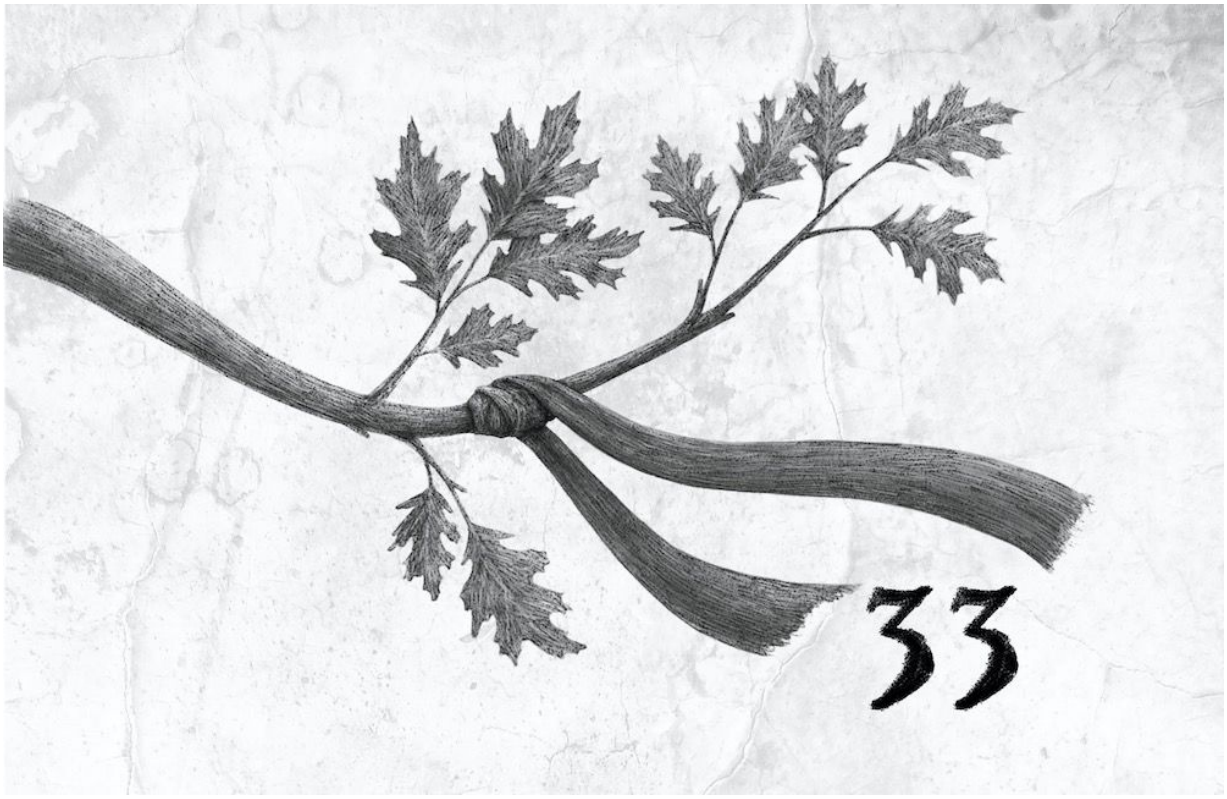
— Desejo — sussurrou ela — ter alguém a quem dar todo o meu amor.

E esse foi meu primeiro desejo. O primeiro de inúmeros outros que ainda estavam por vir.









Com o passar das semanas, começou a surgir certo falatório a respeito do pedacinho de pano atado ao meu galho.

As pessoas da nossa vizinhança que tinham vindo da Irlanda apenas davam um sorriso e assentiam, sabendo do que se tratava. Com elas, Maeve apenas comentava, com sua vozinha melodiosa:

— Esta é a minha árvore de retalhos. Pode não ser um espinheiro, mas serve muito bem.

As pessoas que vinham de outras partes do mundo — e eram muitas — franziam o cenho para o retalho, e às vezes chegavam a fazer menção de arrancá-lo do galho.

Então Maeve as repreendia:

— Olha, não vá pôr a mão no meu desejo!

Todas as vezes, ela explicava com a maior paciência que, em sua terra de origem, deixar desejos em uma árvore de retalhos era uma tradição muito antiga e querida.

De vez em quando, alguém perguntava o que Maeve tinha desejado. Ela sempre dizia a verdade, acompanhada de um suspiro e um sorriso melancólico:

— Nada de mais. Só pedi alguém a quem dar todo o meu amor. Uma bobagem de nada.

Algumas pessoas riam. Outras reviravam os olhos, dizendo:

— Meu bem, um desejo escrito em um pedaço de pano não vai trazer o amor para você.

Mas, na maioria das vezes, elas apenas abriam um sorriso gentil, tocando com simpatia o braço de Maeve.

E perguntavam se também podiam fazer um pedido.



Mais um ano se passou. Conforme maio se aproximava, recebi cada vez mais farrapos entre as minhas folhinhas recém-nascidas.

Roque até tentou roubar um ou outro retalho para forrar o ninho de gravetos e folhas que fizera lá no alto, na bifurcação entre dois de meus galhos. Expliquei que, até o primeiro dia de maio, ele teria que se contentar com musgo e agulhas de pinheiro.

De acordo com Maeve, ninguém podia encostar nos desejos antes daquele dia. Então, os pedidos que tivessem resistido ao vento e à chuva poderiam ser retirados pelas pessoas — ou por esquilos determinados.

Imagino que ela tenha inventado essa regra para o meu bem, para que eu pudesse continuar crescendo sem o peso de panos molhados me atrapalhando.

Logo antes do amanhecer no dia 1º de maio, uma jovem se aproximou de mim. Tinha cabelos escuros ondulados e um casaco cinza muito puído. Trazia nos braços um pacotinho embrulhado.

— Psiu! — sussurrou Roque. — Lá vem mais um desejo, Red!

Mas Roque estava errado. Não era um desejo.

Ligeira, mas cuidadosa, a garota deixou o embrulho dentro do meu oco.

Achei que fosse um presente de agradecimento para Maeve. Talvez uma broa. A garota devia ser mais uma das pacientes dela.

Tão rápido quanto viera, a moça logo se foi.

"Que nem um beija-flor", pensei. Uma hora está lá, e logo não está mais.

Feito uma lufada de vento.



Poucos minutos depois, Maeve abriu a porta da casinha marrom. Sorriu para mim e para os retalhos tremulando na brisa da manhã.

Então veio o choro.

Estava mais para um berro.

E estava vindo de… mim.

Não era o piado meigo de um filhote de carriça. Nem o guincho tímido de um ratinho. Não: era um choro de indignação legítima.

Era um bebê.





Havia um bilhete preso ao cobertor do bebê.

Hesitante, Maeve tentou ler em voz alta.

— Está em italiano — murmurou ela.

Só depois, ao pedir a ajuda de um de seus pacientes, é que ela foi entender o que dizia o papel.

Por favor, cuide dela como eu nunca poderia cuidar.
Desejo a ambas uma vida plena de amor.

O cabelo da bebê era preto. O de Maeve, ruivo.

Os olhos da bebê eram castanhos. Os de Maeve, azuis.

A bebê era italiana. Maeve, irlandesa.

Tinham sido feitas uma para a outra.

Maeve a batizou de Amadora, o que, em italiano, significa "o dom do amor".





Muitas pessoas da vizinhança fizeram críticas à irlandesa solteira que estava criando uma bebê italiana abandonada. As pessoas falavam mal, como de costume, e faziam "tsc-tsc", como não poderia deixar de ser.

Algumas chegavam até a sentir raiva. Falavam coisas ofensivas.

Maeve ouviu que as pessoas daquele lugar não aceitavam Amadora.

Ouviu que ela e a bebê deveriam ir embora dali.

Maeve apenas sorria, abraçava Amadora com mais força, deixava o tempo passar e mantinha a esperança.

Nas noites mais escuras, quando a esperança era escassa, ela cantava uma antiga canção irlandesa, misturada com outra mais recente, italiana, que tinha aprendido com um vizinho. A melodia era doce. A letra, bobinha. O efeito era sempre o mesmo: a pequena Ama abria um sorriso.

E não deu outra: quanto mais tempo Maeve deixava passar, mais gentis ficavam as pessoas. E logo Ama, como ficaria conhecida, já tinha se tornado parte integrante do nosso jardim bagunçado, tanto quanto qualquer um de nós.

Assim que cresceu um pouquinho, Ama começou a oferecer comida a Roque e sua família. Quando ficou forte, Ama começou a trepar nos meus

galhos. E, quando sentiu vontade, Ama começou a fazer os próprios desejos.

A menina virou uma adulta sensata, honesta e gentil, a exemplo da mãe, e também teve seus próprios filhos, depois netos, depois bisnetos. Um belo dia, Ama e o marido compraram a casinha marrom, e depois a casa vizinha, pintando-as então de azul e verde. Anos depois, compraram a casa do outro lado da rua e começaram a alugar as casas azul e verde para outras famílias.

A família de Ama cresceu, prosperou, brigou, falhou, amou e riu muito.

Sempre, o tempo todo, eles tiravam das risadas a força para seguir em frente.

Até que o neto de Ama teve uma filhinha e escolheu para ela um bom nome italiano e um bom nome do meio irlandês. A menina se chamava Francesca Maeve.



Quanto a mim, minha reputação só cresceu. Pois não é que o desejo de Maeve tinha se realizado no cerne de uma árvore dos desejos? Isso não mostrava que tudo era possível?

É claro que, como Roque sempre lembrava, eu não tivera nada a ver com isso.

— Isso não é um conto de fadas, Red — dizia ele.

Mas as pessoas têm seus anseios, e, década após década, continuei recebendo os desejos.

Todos esses anos, os desejos têm sido uma bênção e um fardo.

Mas a verdade é que todo mundo precisa de um pouco de esperança.





Depois de muito tempo, enfim parei de falar.

Uma vez que as palavras tinham jorrado, estancá-las foi como conter uma tempestade.

No silêncio que se seguiu, senti como se o mundo inteiro estivesse prendendo a respiração.

Eu quebrara a regra.

Stephen e Samar ainda me encaravam boquiabertos. Pareciam tão enraizados ao chão quanto eu. Nenhum dos dois soltara um pio enquanto eu contava minha história.

A porta da frente da casa de Stephen se abriu.

— Stephen! — chamou o pai dele. — O que diabos você está fazendo, rapazinho?

Stephen se pôs de pé em um salto.

— Eu… Já vou, pai. Hã, boa noite, Samar.

— Boa noite, Stephen — respondeu ela.

Stephen saiu correndo para a varanda, mas se deteve no meio do caminho. Deu meia-volta e olhou para mim.

— Obrigado? — falou, em uma voz meio atônita, usando o mesmo tom embasbacado com que responderia se Bongô tivesse acabado de fazer

umas panquecas para ele.

A porta bateu depois que ele entrou.

Samar ficou ali, abraçada ao cobertor.

— Só posso estar sonhando — disse ela.

Depois, caminhou para a própria casa e abriu a porta com cuidado.

— Tudo o que eu queria — acrescentou, com um sorriso — era não ter que acordar.



Eu me arrependi do que tinha feito quase no mesmo instante.

Quebrara a regra. A mais importante de todas.

De forma deliberada, falara com humanos.

E não trocara só uma meia dúzia de palavras. Foram rios de palavras.

Não foi como o sapo na caixa de correio. Não tinha sido um acidente.

Eu quebrara a regra porque queria uma coisa. Queria fazer a diferença.

Queria conquistar algo significativo antes de morrer.

Tinha feito aquilo por mim, e por mais ninguém.

Quando os filhotes chocados e seus pais igualmente estarrecidos já estavam entocados em segurança em seus ninhos, confessei meus sentimentos para Bongô.

Achei que ela fosse gritar comigo.

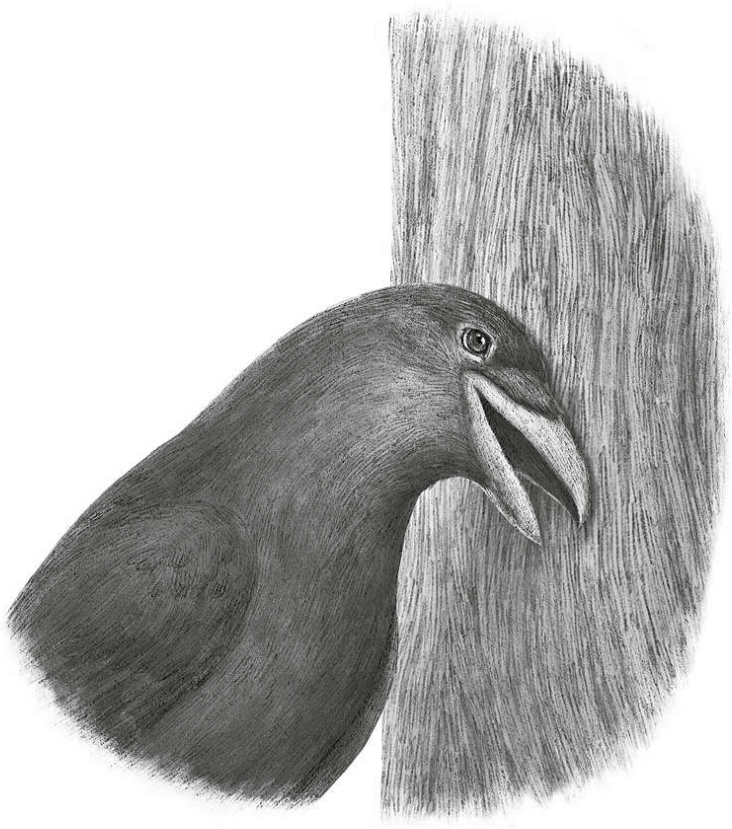
Ela é muito boa nisso.

Muito boa mesmo.

Posso até dizer que é um dom.

— Por que fui fazer isso, Bongô? — murmurei. — Por quê?

Ela voou para o quartel-general. Acariciou meu tronco áspero com sua testa luzidia.



— Você fez o que fez, minha querida Árvore Velha e Sábia, porque tinha uma história para contar.

— Foi uma tremenda falta de bom senso — falei. — Eu não deveria ter agido com tanta insensatez.

— Não acho que foi insensatez — respondeu Bongô. — Foi esperança. E todo mundo precisa de um pouco de esperança, Red. Até mesmo as Árvores Velhas e Sábias.



A manhã foi emergindo devagar, carregada de nuvens. Chuviscara logo antes de amanhecer, o que não ajudou em nada meu humor, mas pelo menos refrescou as minhas folhas.

Curiosamente, o solo parecia saturado. A primavera era sempre uma estação com muita lama, mas aquilo era atípico. E certamente faria com que o 1º de maio, no dia seguinte, fosse bem bagunçado.

Um senhorzinho madrugador se aproximou de mim com uma bengala de bambu. Parou para prender um pedacinho de papel azul no meu galho mais baixo, com a ajuda de um barbante. Não fez seu pedido em voz alta, de modo que não fiquei sabendo o que era. Mas, enquanto passava pela grama encharcada, vi um sorriso satisfeito em seu rosto.

Eu sabia que receberia vários outros desejos naquele dia. Muitas pessoas vinham mais cedo para conseguir pegar um lugar fácil de alcançar.

Era provável que aquele fosse meu último dia dos desejos. Como era possível que o primeiro ainda estivesse tão fresco no meu coração quanto a conversa na noite anterior com Stephen e Samar, mesmo depois de todos aqueles anos?

Um carro passou bem rente à calçada, reduzindo a velocidade ao se aproximar. Vi um braço, um borrão de movimento, e então — *cataploft* — algo atingiu meu tronco. *Cataploft. Cataploft.* Mais duas vezes, e o carro arrancou cantando pneu.

Bongô foi a primeira a relatar o dano.

— Ovos crus — falou ela. — Presumo que não tenha machucado, né?

— Nem senti nada — falei.

Pãoquentinho, Aranhapeluda e Vocêzona também vieram avaliar a situação.

Vocêzona passou por baixo da fita policial amarela e lambeu a clara de um dos ovos que escorria do meu tronco.

— Hmmm — murmurou ela. — Ovo cru. Do jeitinho que eu gosto.

— Ei, Zona, não vai dividir com as amigas? — ralhou Aranhapeluda, enquanto ela e Pão se aproximavam.

Agnes só observava, empoleirada no galho.

— Façam bom proveito, senhoras — disse ela. — Já eu ficaria muito mais feliz com um ratinho ainda se debatendo.

— Que surpresa agradável — disse Vocêzona, entre lambidas.

— Não é agradável — respondeu Bongô. — Isso só nos mostra o pior das pessoas.

— Pode até ser — retrucou Aranhapeluda, lambendo as patas —, mas seria um desperdício não aproveitar todo esse ovo. A crueldade de uns pode ser o petisco de outros.

Vocêzona soltou um arroto satisfeito, e os bichos chisparam de volta para suas tocas.

A porta da casa de Stephen se abriu. Ele veio até mim, viu as cascas de ovo espalhadas como peças de quebra-cabeça e fez cara feia.

Logo depois chegou Samar, de mochila nas costas e abraçada aos livros. Ela saltou uma poça de lama e parou ao lado de Stephen.

— Idiotas — murmurou ele, mostrando os restos de ovo. — Sinto muito, Samar…

A garota, contudo, levantou a mão e o conteve.

— Stephen — disse ela, em voz baixa. — Ontem à noite.

Stephen assentiu bem de leve, sem nunca deixar de me encarar.

— Ontem à noite — repetiu ele, como se estivessem conversando em código.

— A árvore.

— A árvore.

— Você ouviu o que eu ouvi? — perguntou Samar.

— Ouvi, sim.

Samar olhou no fundo dos olhos de Stephen.

— Você ouviu… a árvore?

— Eu ouvi a árvore.

Samar deu um discreto aceno de cabeça.

— Será que foi um truque? Alguém tirando onda com a nossa cara?

— Ou talvez a gente tenha tido uma crise de sonambulismo no mesmo instante — sugeriu ele, assentindo, como se tentasse convencer a si mesmo. — Isso. Sonâmbulos.

— Você costuma ter ataques de sonambulismo?

— Não, mas tem uma primeira vez para tudo.

Os dois ficaram parados ali, na expectativa, olhando para mim.

Desejando que eu falasse. Pelo menos, essa foi a impressão que eu tive.

Continuei em silêncio. Já dissera tudo o que precisava e já tinha me arrependido profundamente.

— Stephen — falou Samar, baixinho —, não importa o que aconteça, não podemos contar nada sobre isso a ninguém. Combinado?

— Combinado.

— Nem um pio.

— Nem um pio.

Samar suspirou.

— As pessoas iam dizer que nós somos loucos.

— E provavelmente teriam razão — completou o menino.

Samar ergueu o queixo na minha direção.

— E aí, árvore? Tem algo a acrescentar?

Eu não disse uma palavra.

Samar e Stephen trocaram um sorriso.

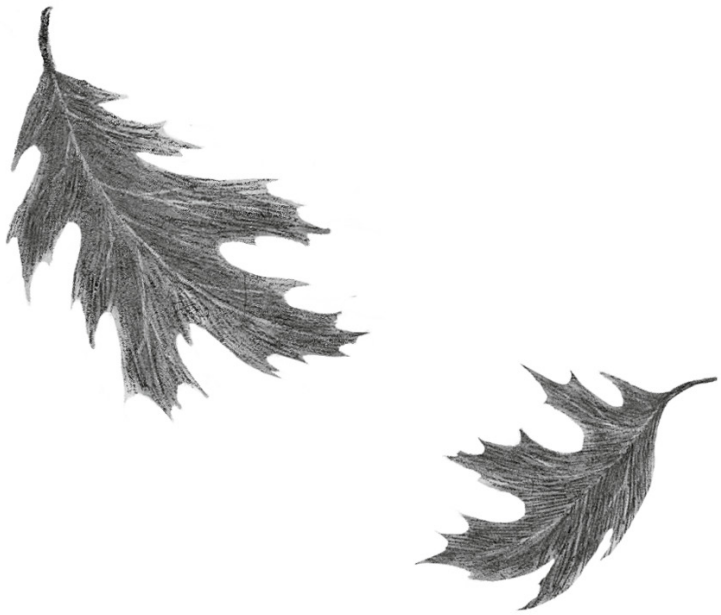
— Bem — concluiu ela —, não custava tentar.

E lá se foram eles, juntos, para a escola.

O pai de Stephen veio até a varanda. Tinha uma xícara de café na mão. Franziu o cenho ao ver Stephen e Samar caminhando juntos.

No instante seguinte, a mãe de Samar saiu da casinha azul, chacoalhando as chaves e com a bolsa pendurada no ombro. Seguiu o olhar de reprovação do vizinho.

Ambos ficaram olhando em silêncio até perderem de vista Stephen e Samar, que seguiam lado a lado.





Não tive muito tempo para ficar lamentando meu erro.

Com o passar das horas, recebemos um fluxo constante de visitantes.

Ao longo do dia, vieram vários fazedores de desejos. Uma menininha que queria *vinte* hamsters. O dono da mercearia da esquina, pedindo que o verão trouxesse pêssegos doces.

O de sempre.

A repórter do jornal local também voltou. Olhou para alguns dos novos pedidos pendurados nos meus galhos e tirou foto das cascas de ovo quebradas.

Sandy e Max chegaram para retirar a fita que ainda me cercava. Francesca veio falar com eles. Dessa vez, trazia Batman e Robin em guias finas de couro. Os gatos vestiam coletes tão espalhafatosos que chegava a ser meio constrangedor.

Francesca falou sobre os ovos quebrados com os policiais, enquanto Batman e Robin enredavam a guia ao redor das pernas dela.

— Mais tarde vem aí um lenhador para me dar um orçamento — disse Francesca.

— Então você vai mesmo mandar derrubar? — perguntou Sandy, em um tom de voz desapontado. (Pelo menos, eu prefiro pensar que sim.)

— Sem dúvida. Está vendo toda essa lama? Essa água toda no pátio? — disse Francesca, apontando o gramado encharcado. — O técnico me disse que essa maldita árvore está prejudicando o encanamento. É só cair uma chuvinha, e o pátio todo vira uma poça de lama.

— Mesmo assim, as pessoas vão ficar tristes — disse Max.

Ele pegou a coleira de Robin e tentou desenrolar Francesca.

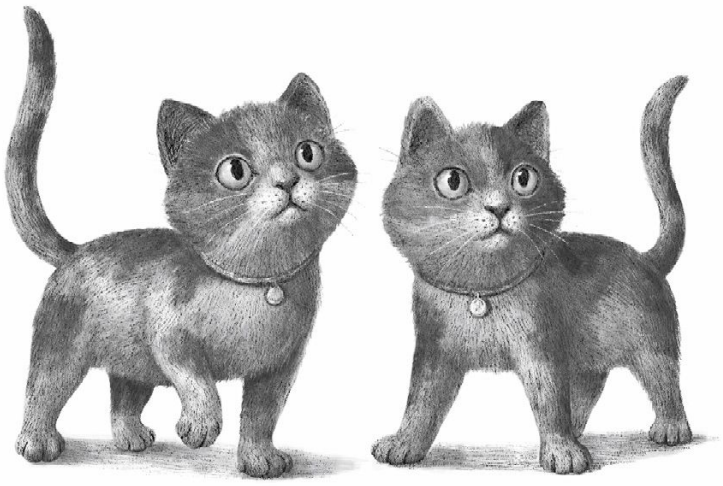
— Eu sei. É uma boa árvore, que está aí há séculos. Mas o carinho que as pessoas sentem por ela não vai me ajudar a pagar o encanador.

Sandy pegou Batman enquanto a própria Francesca tentava desembolar as guias.

— Mas e os animais e os pássaros que moram nessa árvore? — perguntou a policial.

— Ah, foi aí que eu pus a cachola para funcionar — disse Francesca. — Todos os anos, no dia dos desejos, os gambás e as corujas e esses bichos todos desaparecem daqui. É muito curioso. Parece até que eles sabem que é um dia diferente — Ela pulou a teia de coleiras. — Imagino que eles não gostem de ser perturbados pelas pessoas. Em todo caso, meu plano é marcar a retirada da árvore para amanhã à tarde. A essa altura, quase todo mundo já terá feito seus pedidos.

— O que você vai fazer com todos os desejos? — perguntou Sandy.



— Jogar no lixo quando ninguém estiver olhando. É o que faço todos os anos. Afinal, essa história toda de desejo é uma grande balela.

Max e Sandy olharam para mim com compaixão no rosto.

— Eu sei. Eu sei. Não sou uma pessoa lá muito sentimental — disse Francesca, parando para reclamar com seus gatos, que a puxavam em direções opostas. — Se até cachorro consegue usar coleira, por que está sendo tão difícil para vocês dois? — Ela voltou, então, sua atenção para os policiais. — Mas já está na hora de cortar. Passou da hora.

— Bem, então nós vamos dar uma passada aqui amanhã, para ficar de olho. Ainda não temos nenhuma pista sobre a pessoa que escreveu isso aí na árvore. Mas, considerando esse incidente do ovo, e que as pessoas já estão meio agitadas, ainda mais agora com essa história de cortar a árvore… — Sandy deu de ombros. — Mal não vai fazer se nós estivermos aqui para supervisionar a situação.

— Obrigada — disse Francesca. — Não é preciso, mas eu realmente agradeço.

Então, Batman e Robin avistaram Bongô e saltaram para meu tronco.

— Opa, peraí, seus felinos malucos! — gritou Francesca, puxando a coleira dos gatos.

A dupla rosnou para Bongô, que respondeu abrindo as asas de forma ameaçadora e crocitando ferozmente.

Batman e Robin retornaram rapidinho para a segurança dos braços de Francesca, que virou, mais uma vez, um bololô de gatos e coleiras emaranhadas.

Sandy sorriu.

— Francesca, talvez seja melhor deixar os gatos em casa amanhã.



Naquela tarde, conheci meus carrascos.

Como não tenho dentes, nunca tinha entendido muito bem esse medo todo que algumas pessoas têm de ir ao dentista. (Já entreouvi conversas com as palavras "raiz" "canal" e "cavidade", mas, no universo das árvores, elas têm outros significados.)

No entanto, ao ver os lenhadores e seus equipamentos, entendi tudo.

Quando surge uma caminhonete munida de poderosas motosserras, além de uma engenhoca com o agourento nome de "destocador", bem, aí não há dúvidas de que o tempo fechou para você.

Veja bem, os jardineiros são bons aliados das árvores. Da mesma forma com que humanos precisam cortar as unhas e aparar o cabelo, nós também precisamos que nossos galhos sejam aparados, embora, no nosso caso, isso só aconteça uma ou duas vezes por ano, em um processo que se chama poda.

Eu sempre me sinto o cúmulo da elegância depois de uma boa poda.

No entanto, para podar uma árvore, precisa-se de ferramentas específicas, como uma que parece uma tesoura gigante ou uma serrinha

que fica na ponta de uma longa haste. Destocadores não fazem parte desse processo.

Para piorar, ao chegarem à porta de Francesca, os três homens de capacete de segurança laranja se apresentaram como funcionários da Mói Madeira – Serviço de Remoção de Árvores.

— Vou lá fazer um depósito naqueles chapéus ridículos — murmurou Bongô.

— Não, Bongô — pedi, embora a ideia fosse muito tentadora. — Vamos esperar para ver o que acontece. Talvez eles só estejam aqui para fazer uma poda.

— Você é *mesmo* otimista.

Francesca trouxe os homens até meu canteiro — dessa vez, sem Batman e Robin —, e eles discutiram preços e horários.

Isso mesmo. Ficaram planejando me cortar enquanto aproveitavam a sombra dos meus lindos galhos.

Muita insensibilidade.

Um dos homens — que se apresentou como Dave — pegou uma escada e subiu para inspecionar os meus ocos. Agnes, Aranhapeluda e Vocêzona o encararam, ressabiadas, prontas para defender seus filhotes.

— Moça, tem uns animais silvestres aqui na árvore da senhora — relatou ele.

— Sim, sim, eu sei — falou Francesca. — Eles aparecem todo ano, é sempre assim.

Bongô subiu para um galho mais alto, perto de Agnes.

— Só um depositozinho — murmurou ela para mim. — Nunca te pedi nada.

— Nesses casos, a gente geralmente aconselha que a remoção aconteça no fim do outono. Para não perturbar os ninhos.

— Eu já pensei nisso — disse Francesca, assentindo, com as mãos na cintura. — Os bichos e os pássaros sempre dão o fora daqui todo dia 1º de maio. Sabe, o dia dos desejos.

Dave coçou a barbicha do queixo.

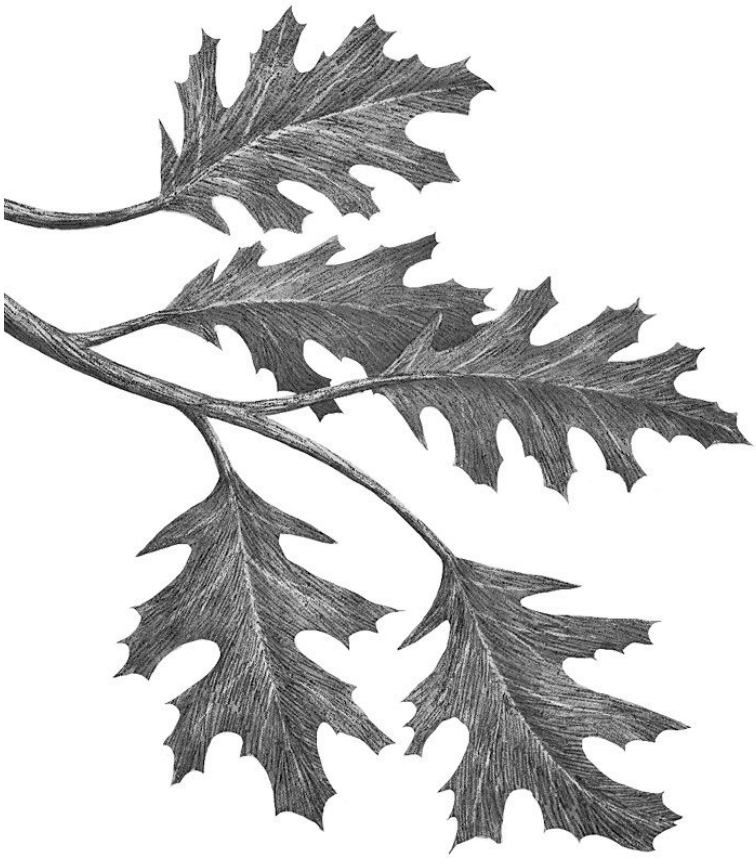
— Dia dos desejos?

— As pessoas destas bandas vêm fazer desejos aqui, prendem papel e retalhos na árvore. Os bichos e os pássaros odeiam todo esse auê. Se vocês puderem fazer o serviço amanhã à tarde, seria perfeito. Vocês trabalham sábado?

— Com certeza. — Dave balançou a cabeça. — Dia dos desejos — murmurou ele. — E eu que achava que já tinha visto de tudo…

Francesca assentiu. Deu dois tapinhas no meu tronco.

— Pois é. Nem eu acredito que aturei essa loucura por tanto tempo…





À tardinha, Francesca foi bater nas casinhas azul e verde.

Minhas casas.

Uma de porta preta. Outra de porta marrom.

Uma com caixa de correio amarela. Outra, vermelha.

Ela bateu em uma, depois na outra. Explicou os planos que tinha feito para mim. As duas famílias disseram que compreendiam. Sentiam muito que eu tivesse que ir embora, mas, no fim das contas, até que seria um alívio se livrar daquela confusão toda de dia dos desejos. Além disso, sem a minha presença, eles teriam mais sol na sala e menos bolotas no quintal.

— Ok. Pelo menos, deixa eu fazer um depósito nos pais — resmungou Bongô. — Mais sol! Que audácia! Estão esquecendo que isso significa menos oxigênio, minha gente? Menos beleza?

— Eu agradeço sua lealdade, Bongô — falei —, mas nada de depósitos.

Stephen e Samar, por outro lado, não foram tão compreensivos. Saíram correndo atrás de Francesca enquanto ela ainda atravessava o gramado. Samar nem tinha terminado de vestir o casaco ao sair.

— Acredita na gente, por favor — pediu Samar. — Você não pode arrancar essa árvore.

— Não posso, é? — indagou Francesca. — E por quê, minha querida?

— Porque — falou Stephen, ainda arquejando — ela está viva.

— Eu sei muito bem disso — retrucou Francesca. — É uma característica comum a todas as árvores.

Ela então hesitou ao notar a fita pendurada no pescoço de Samar.

— Ora bolas, eu conheço essa chave — disse ela. — Dá para reconhecer pela fita.

— Um corvo me deu.

— Jura? São bichos muito espertos, os corvos.

Samar tirou a chave do pescoço e entregou a Francesca.

— Ah, não precisa, eu não quero essa coisa velha — respondeu a mulher, devolvendo. — Pode ficar com ela. É só que isso me fez lembrar… Bem, não importa. Ela abre um diário. Da minha tataravó. Quando se mudou para cá, Maeve criou o hábito de escrever.

— Então é para isso que ela serve — disse Samar.

— E cadê ele? — perguntou Stephen. — O diário.

— Talvez esteja no sótão. Minto, é mais provável que esteja no barracão no quintal da casa da Samar. Tem um monte de tralha da minha família guardada lá. — Ela abriu, então, um sorriso sarcástico. — Se é que aquilo tudo já não saiu boiando por aí, considerando que agora o quintal vive encharcado. Inclusive, esse é um dos motivos pelos quais está na hora de dar tchau para essa árvore.

Samar enxugou as lágrimas.

— Mas você não está entendendo. Essa árvore… Ela é quase humana.

— Que gracinha — disse Francesca, pondo a mão na cabeça de Samar. — Mas é só uma árvore, meu bem. — Ela endireitou os ombros. — Agora eu preciso dar comida para os meus gatos. Dá pra ouvir daqui o miado reclamão daqueles dois. E amanhã eu tenho um dia cheio.

A mulher estava prestes a ir embora, mas Stephen entrou no caminho dela.

— Antes de ir — falou, com firmeza na voz —, apenas ouça. — Ele se voltou para mim e pediu: — Diga alguma coisa, árvore.

— Por favor — suplicou Samar.

Continuei em silêncio.

O que mais eu poderia dizer?

Francesca correu os olhos de Stephen para Samar, e depois de volta para o menino.

— Crianças — disse ela —, acho que esses jogos de videogame que vocês passam o dia inteiro jogando estão começando a estragar seu cérebro.

— Diga algo, árvore — pediu Stephen, mais uma vez.

Silêncio.

— Ela fala, sim — insistiu Samar. — Palavras de verdade. Ela contou para a gente uma história sobre a Maeve.

Só por um instante, Francesca hesitou. Olhou para mim.

— Você disse "falar" no sentido figurado, né? É claro. Tipo "essa árvore só falta falar", ou "as folhas sussurram" e por aí vai.

— Ela nos contou sobre o oco da árvore. E sobre o bebê.

Francesca piscou, atônita.

— O bebê.

— Isso — disse Samar. — O bebê abandonado.

Francesca hesitou outra vez.

— Ah, é claro, eu já contei essa história de família algumas vezes. Algum vizinho deve ter contado a vocês.

Stephen fez que não.

— Quem nos contou foi a árvore.

— Ai, caramba! — exclamou Francesca, e sacudiu as mãos na frente do rosto. — Vocês dois estão cansando a minha beleza, isso sim. Ainda bem que meu tempo de cuidar de criança já acabou. Vejam bem, o que vocês precisam é de uma boa noite de sono, entenderam? Ou de um psicólogo.

Então, Francesca tratou de atravessar rapidinho o gramado, encardindo os sapatos de lama.

— Francesca… — chamou Stephen.

— É só uma árvore, crianças. Repitam comigo: é só uma árvore.

— Eu estava aqui pensando… Será que a gente pode ir procurar esse diário?

Ela olhou por cima do ombro.

— O diário de Maeve? Fiquem à vontade. Se é que, a essa altura, ele já não foi engolido pelas águas. — Ela ergueu as mãos. — Mas olha… Chega dessa loucura de árvore. Está bem?

Depois que Francesca entrou em casa, Stephen e Samar me olharam com ares de acusação.

— Por que você não disse nada? — exigiu Samar.

Porque era imprudente.

Porque eu não deveria.

Porque não.

Com feições derrotadas, Stephen e Samar se afastaram, arrastando os pés. Não tinham ido muito longe quando a menina subitamente parou e se virou para Stephen.

— Hoje aconteceu uma coisa estranha — disse ela. — As pessoas na escola estavam muito… esquisitas. Estavam falando de mim, fofocando.

Ficaram até passando bilhetinhos. — Ela estreitou os olhos. — Você não contou para ninguém, né? Sobre o que aconteceu ontem à noite?

— Claro que não.

— Então eu não sei o que está acontecendo.

— Você deve estar imaginando coisas.

— Acho que não. Bem, eu já estou acostumada com as pessoas falando de mim o tempo todo. Sendo cruéis. Mas isso foi diferente.

— As coisas nem sempre são o que parecem. — Stephen deu um sorriso gentil. — Vamos lá. Vamos ver o que a gente encontra naquele barracão.

Fiquei observando enquanto os dois caminhavam juntos para o quintal de Samar. Estavam conversando. Rindo. Talvez dando início a uma amizade.

No fim das contas, talvez minha imprudência não tivesse sido tão ruim assim.





As árvores não dormem. Não do mesmo jeito que as pessoas e os animais.

Mas nós descansamos, sim.

Só que, infelizmente, naquela noite, o descanso se recusou a vir.

Minha mente estava tomada de dúvidas a respeito do dia seguinte, é claro.

Mas, acima de tudo, eu não queria perder nem um instante do pouquinho de vida que ainda me restava.

Queria me embebedar com as estrelas.

Queria sentir as asas felpudas dos filhotes de coruja.

Queria estender as minhas raízes só mais alguns centímetros, antes que a noite chegasse ao fim.

Queria me dar ao luxo de apenas contemplar tranquilamente as implicações da vida e do amor.

Queria filosofar.

— Andei pensando — disse a Bongô. — Não tem muito sentido tanta preocupação sobre o que vai acontecer amanhã. O que tiver que ser será.

— Red — começou Bongô.

— Estou exagerando nessa coisa de Árvore Velha e Sábia?

Bongô se conteve. Ficou um tempão olhando para mim.

— Jamais — respondeu ela. — Essa coisa de Árvore Velha e Sábia nunca é demais.

Bongô se acomodou em seu quartel-general. O mundo à nossa volta estava calmo e silencioso.

— Quer ouvir uma piada de árvore? — perguntei.

— É boa?

— Não — admiti.

— Então não.

— Qual é a pior maneira de pedir ajuda a uma árvore?

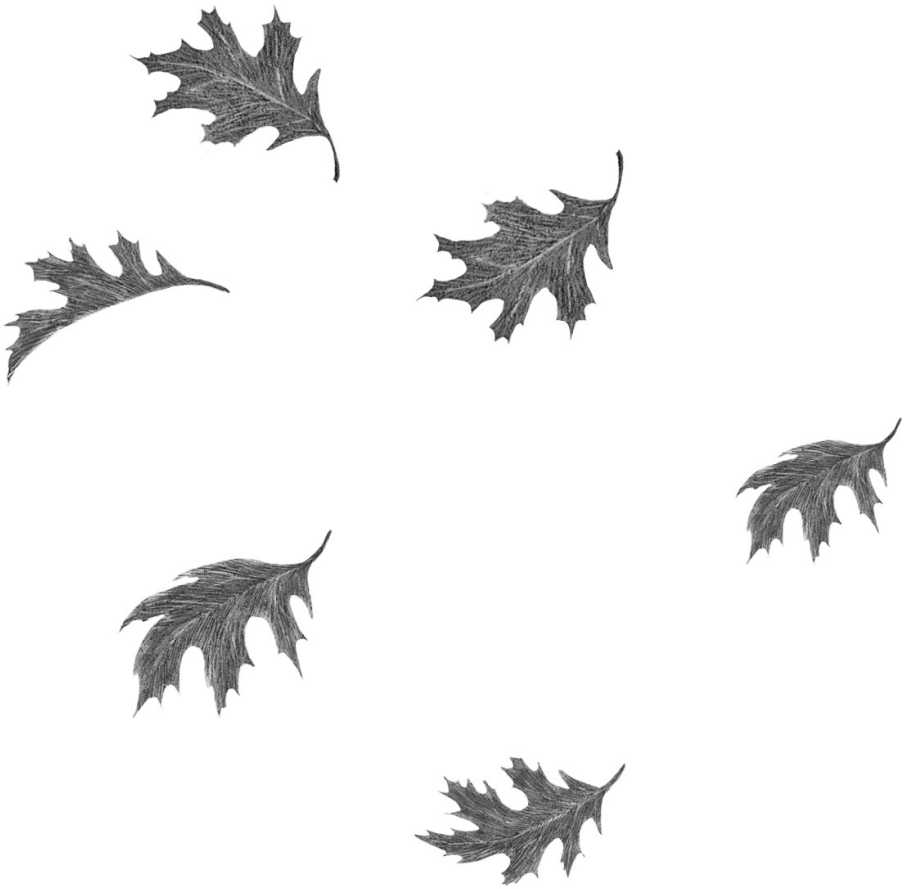
— Sei lá.

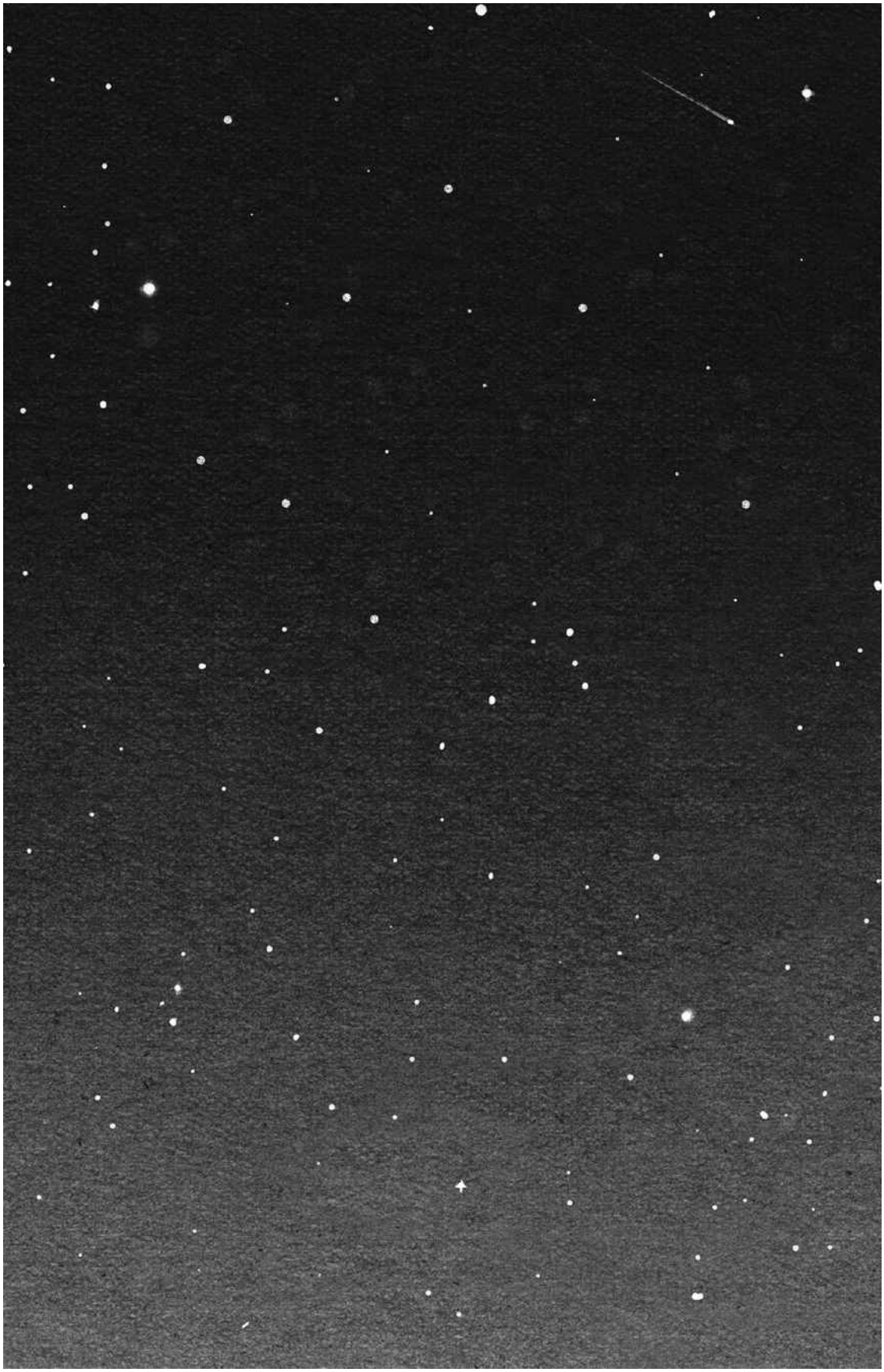
— "Amigo, me quebra um galho." — Fiz uma pausa dramática. — Entendeu? Porque…

— Red — cortou Bongô. — Como sempre, não precisa explicar.

Depois disso, não falamos muito. No fim das contas, conversar sobre as implicações da vida e do amor não era do que eu precisava.

O que eu precisava era ficar observando o céu cravejado de estrelas, sentir o cheiro adocicado da terra molhada, ouvir o palpitar do coração dos filhotinhos que, pelo menos por mais uma noite, encontravam segurança no meu tronco.







No sábado, raiou um dia limpo e fresco. Mesmo antes de o sol dar as caras, os bichos e as corujas abandonaram o abrigo dos meus galhos.

Todas as famílias tinham encontrado novos lares em árvores no mesmo quarteirão. Os cangambás iam continuar embaixo da varanda. Fiquei feliz por saber que meus amigos continuariam na mesma vizinhança.

Um a um, eles me acariciaram com o focinho, sussurrando suas despedidas. Os filhotes choramingavam, principalmente Haroldo, Rosapétala e Lanterna. Os pais tentaram fazer cara de forte, mas suas vozes trêmulas não enganavam ninguém.

Foi terrível. Mas, por outro lado, foi bom quando terminou.

Sempre odiei despedidas.

Bongô, por sua vez, insistiu em ficar comigo até o temível fim.

Eu sabia que contrariá-la não adiantaria de nada.

Às seis da manhã, Stephen e Samar já estavam sentados, juntos, na varanda da casa da menina.

Lá pelas sete chegaram Sandy e Max. Estacionaram do outro lado da rua e ficaram dentro do carro, bebendo café e comendo rosquinhas.

Perto das oito chegaram três repórteres regionais, munidos de microfones e equipamentos caros. Filmaram a palavra "FORA". Falaram sobre o significado daquilo, do ato que tinha mudado o clima de uma vizinhança inteira.

Também falaram de mim, a árvore dos desejos que estava condenada.

Eu não gostei nem um pouco da palavra "condenada".

Mas não pude deixar de admitir a precisão da matéria.

Francesca veio às oito e meia, trazendo uma xícara de chá e arrastando a escadinha de madeira que ela sempre colocava ao meu lado para os fazedores de pedido. Voltou para casa, mas logo retornou, com Batman e Robin na coleira.

Eles não estavam muito a fim de colaborar.

Então começaram os pedidos.

Uma criancinha nos ombros do pai, se esticando toda para alcançar meu galho.

Uma senhora bem velhinha, com a ajuda de duas meninas.

Um a um, os vizinhos foram chegando, muitos dos quais eu já vira passar por mim ao longo dos anos.

De desejo em desejo, de desejo em desejo.

Alguns escritos em retalhos de tecido colorido.

Outros em papel, amarrados com um cordão ou um laço de fita.

Algumas meias.

Duas camisetas.

E uma roupa de baixo.

No início, as pessoas chegavam em pequenos grupos, ou uma depois da outra. Mas então algo mudou. Os gatos-pingados deram lugar a uma enxurrada de gente.

A maior parte era de crianças da escola vizinha, mas também havia pais e professores.

Umas dez crianças. Depois cinquenta. Depois cem, e ainda mais.

Parecia que todos vinham com uma ficha de biblioteca na mão. Cada ficha tinha um cordão preso em um furo no papel.

Stephen trocou *high-fives* com muitos deles. Abraçou o diretor. Deu tchauzinho para a professora.

Samar só ficou lá sentada nos degraus de casa junto com seus pais, perplexa.

Uma a uma, as crianças amarraram os pedidos em mim. O diretor, a vice-diretora, o zelador e os professores, todos ajudaram.

Meus galhos nunca tinham ficado tão cheios de desejos.

Meu coração nunca tinha ficado tão cheio de esperança.

Porque a cada criança, a cada vizinho, a cada estranho que vinha prender seu desejo em mim, todos olhavam para Samar e seus pais e diziam a mesma coisa:

FIQUE.



Em uma hora, meus galhos já estavam tomados pela palavra "FIQUE". Havia ainda mais desejos no chão, como um mar de flores desabrochadas. Os desejos foram parar nas varandas, nas sacadas, na calçada.

Depois de duzentos e dezesseis anéis de idade, achei que já tinha visto de tudo.

Mas a verdade é que nunca estamos velhos demais para nos surpreendermos.

Logo ficou claro que os desejos de "FIQUE" tinham sido ideia de Stephen. Com a ajuda da professora, a turma inteirinha dele tinha passado boa parte da aula do dia anterior preparando os cartões em segredo.

A notícia sobre o projeto se espalhou rápido, e logo a escola inteira aderiu.

— Então isso foi ideia sua? — perguntou Samar a Stephen.

— Um monte de gente me ajudou — respondeu ele. — Foi um milagre a gente ter conseguido guardar segredo.

Samar olhou para os pais dela.

— Só não sei se isso vai mudar alguma coisa… — disse ela.

Stephen olhou para os pais dele.

— Eu também não.

— Mas muito obrigada — disse ela. — Por tentar.

Stephen fez menção de responder, mas, naquele instante, o caminhão da Mói Madeira estacionou ali perto.

O fim da minha história estava se aproximando.

Bem, tinha sido uma linda história. Só pelo privilégio de presenciar um dia como aquele eu já me considerava uma baita árvore de sorte.

Mas Stephen e Samar não estavam prontos para desistir tão rápido.

Correram até Francesca, que estava ocupada demais tentando desenrolar os gatos, que tinham se embolado na perna direita dela.

— Por favor — implorou Samar —, você não está vendo como as pessoas amam a árvore dos desejos? Por favor, não a derrube.

— Meu bem — disse Francesca, decidida —, já passou da hora.

Então, Stephen tirou algo do bolso do casaco.

Era um pequeno diário encadernado em couro.

— Ah, então vocês acharam — falou Francesca. — No barracão?

— Foi — respondeu Stephen, entregando o caderno surrado a ela.

— Está um pouco úmido — comentou ela.

Com firmeza, Samar pôs a chave com sua longa fita na mão de Francesca.

— Você deveria ler.

— Quem sabe um dia…

— Por que não agora? — insistiu Stephen.

Francesca suspirou, impaciente.

— Crianças, vocês precisam de um hobby, sabiam? — Ela pôs a chave no trinco prateado, e o diário se abriu com um clique. As páginas estavam amareladas, e a tinta, desbotada. — Não me digam que é sobre uma árvore falante…

— Na verdade, é sobre esta vizinhança — respondeu Stephen. — É sobre todos nós.

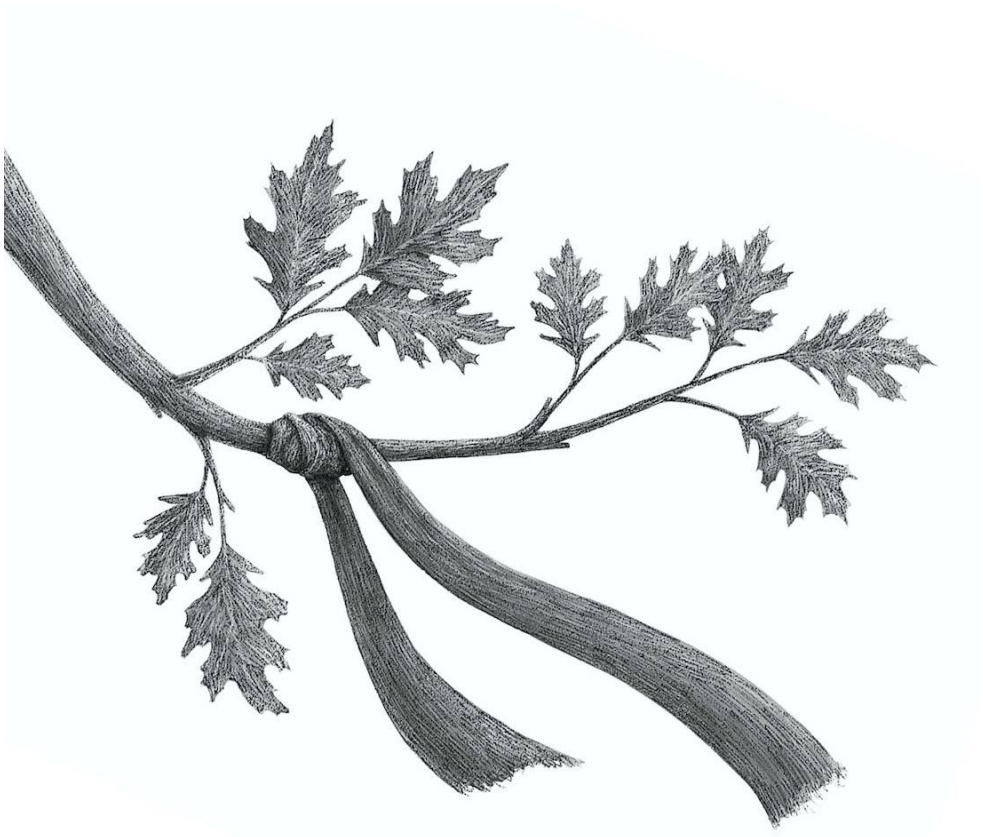
— Por favor! — pediu Samar.

— Mas não vai mudar nada, meu bem — argumentou Francesca.

— Por favor — insistiu Stephen.

— Ai, está bem. — Francesca revirou os olhos. — De qualquer maneira, preciso esperar os lenhadores acabarem de preparar tudo. Então tá, vou dar uma lida nesse negócio. Quem sabe assim vocês me deixam em paz?

Arrastando Batman e Robin, Francesca foi até a calçada de Samar, sentou-se no primeiro degrau e começou a ler.





Cortar uma árvore grande não é trivial.

Precisa de um planejamento cuidadoso e tem que ser feito por gente entendida.

Eu já tinha visto outras árvores sendo cortadas. Já sabia como a coisa funcionava.

Enquanto Sandy e Max conduziam as pessoas para um lugar seguro, os pais de Stephen assistiam a tudo da varanda, assim como os de Samar observavam de sua casa. Enquanto isso, os lenhadores amarravam cordas no meu tronco e conversavam entre si.

Um homem e uma mulher vieram carregando uma grande motosserra, seguida de um destocador.

Parecia até um animal faminto.

Na verdade, parecia *muito* um animal faminto.

— Aqueles bichos todos foram embora? — gritou Dave para Francesca.

— Não vi nenhum deles hoje — respondeu ela.

Dave pôs uma escada e subiu para inspecionar melhor os meus ocos. Nem percebeu que Bongô estava escondida lá no fundo da antiga casa da

coruja.

Em meio a toda a agitação do mundo à minha volta, eu continuava esperando pacientemente. Uma grande multidão formada de velhos vizinhos e novos amigos tinha se reunido ali, ao que tudo indicava, para se despedir de mim.

Na calçada, tinha uns meninos tocando.

Eu não sabia dizer se eram bons. Só sabia, com certeza, que a música deles era bem escandalosa.

Percebi que era a bandinha de garagem de que Bongô gostava.

Parecia até uma festa. Uma festa de bota-fora.

Admirei mais uma vez aquilo tudo à minha volta: o colorido e a confusão e a desordem do meu lindo jardim.

No fim das contas, decidi que me despedir do mundo daquela forma não era tão ruim assim.

Na verdade, não era nada mau.



Dave tinha um megafone nas mãos, e usou-o para lembrar à multidão de ficar atrás das barreiras de proteção que tinham sido erguidas.

— Estamos falando de um carvalho bem grande, pessoal — disse ele. — Vamos derrubar essa árvore, mas não queremos levar mais ninguém junto.

— Bongô — falei, em uma voz que só ela podia ouvir —, você tem que ir para um lugar seguro. Ouça o que o homem diz… Eu sou uma árvore bem grande. Você não vai querer estar aqui comigo quando eu cair.

— Não vou a lugar nenhum — respondeu ela, com um sussurro teimoso. — Não se preocupe comigo. Vou ficar bem. Mas daqui eu não saio, Red. Daqui ninguém me tira.

Dave falou para os homens dele:

— Então tá, pessoal. Vamos começar o show.

— Por favor, Bongô — repeti, baixinho mas com firmeza.

A serra começou a se aproximar.

Aguardei, esperando ouvir o rugido doloroso da motosserra.

Em vez disso, um barulho baixo mas intenso tomou o ambiente, algo que mais parecia uma mistura entre o rosnado de um cachorrinho e o de

um filhotinho de gato.

Era um dos gambazinhos.



De repente, quem veio correndo pela imensa multidão, cruzou o gramado enlameado, driblou Dave e sua equipe, contornou a gigantesca motosserra, passou por baixo do destocador e, por fim, escalou meu tronco com ares de triunfo foi ninguém menos que o Lanterna.

Ele foi direto para a sua antiga toca e se aboletou lá, deixando só a cabecinha para fora do oco.

Estava arfando, tremendo e soluçando. No entanto, estava claro que não corria o menor risco de desmaiar.

— Eu estava com saudade, Red — falou ele, em uma voz baixinha, audível só para mim e Bongô.

— Parem a serra! — gritou Dave. — Uma porcaria de um bicho acabou de trepar no tronco!

Bongô pôs a cabeça para fora da cavidade que ocupava.

— Teté! — sussurrou rispidamente. — Você tem que sair daqui! É perigoso. Os homens estão prestes a… hã, você sabe.

— Mas *você* está aqui — argumentou ele.

Aranhapeluda saiu em disparada pela grama, com seus outros filhotes no encalço. Foi direto para a toca dos gambás e abraçou forte Teté, ao mesmo tempo que dava uma bronca nele.

De repente, Haroldinho surgiu no céu, batendo as asas de maneira frenética, feito uma borboleta felpuda. Agnes também voltou com o

restante da família. Acomodaram-se em sua antiga casa, como se nunca tivessem partido.

Bongô voou para o quartel-general, abrindo espaço.

Logo vieram os Vocês, trotando pela grama. Os últimos a se juntarem ao grupo foram os cangambás, que então subiram correndo meu tronco.

Sete gambás, quatro guaxinins, cinco corujas e seis cangambás tinham vindo de seus vários esconderijos só para se despedir de mim.

Meus moradores.

Meus amigos.

A multidão foi à loucura. As pessoas aplaudiram.

Todos gritavam e gargalhavam.

Enquanto se esticava toda para tentar ver a comoção, Francesca acabou largando a coleira dos gatos, e Batman e Robin fugiram no mesmo instante.

Vieram bem na minha direção e escalaram tronco acima até se juntarem ao meu grupo.

Nem tudo eram flores. Tanto os filhotes quanto os pais resmungaram, mas foi tão baixinho que nenhum dos humanos chegou a ouvir.

— Ai! — murmurou Pipoca-amanteigada.

— Você está com o rabo na minha boca! — choramingou um dos Vocês.

— Que cheiro de gambá! — reclamou alguém.

— Ora, mas eu *sou* um gambá — responderam.

— Mamãe — falou Haroldo —, nós não deveríamos ter medo de gato?

— No geral, sim — respondeu Agnes —, mas esta é uma situação extraordinária.

Deu um certo trabalho, mas no fim todo o grupo conseguiu se acomodar em um galho bem alto, acima de todos os desejos. Ficaram encarando calmamente a multidão que os observava, fascinada, lá de baixo.

Um dos lenhadores tirou o capacete e coçou a cabeça.

— Isso não deveria estar acontecendo — disse para Dave. — Esses bichos deveriam estar tentando devorar uns aos outros.

— É um milagre, um milagre bizarro dos bichos! — exclamou o outro funcionário da Mói Madeira, pegando o celular. — Essa vai para o Instagram.

Muita gente acabou tendo a mesma ideia, e logo vieram os cliques das câmeras. Ignorando a barricada, os jornalistas se aproximaram, estendendo os microfones como se esperassem conseguir entrevistar os animais.

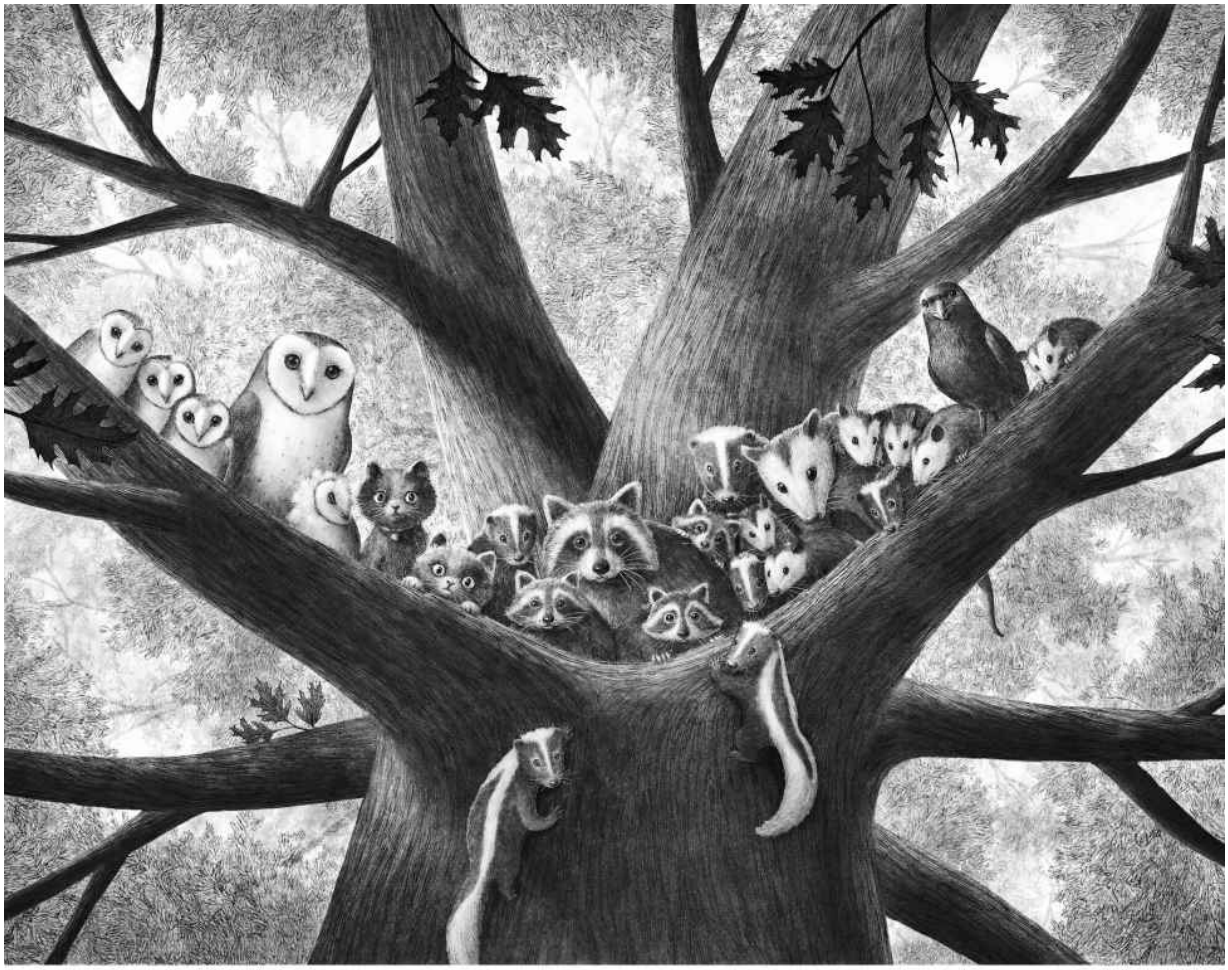
Gaiata como sempre, Bongô não se fez de rogada.

— Batatinha, por favor — disse para os microfones que balançavam abaixo dela.

Derrotado, Dave gesticulou para Francesca.

— Ô dona, e esse zoológico aí da senhora? Como é que a gente vai cortar a árvore desse jeito?

Enxugando as lágrimas dos olhos, Francesca se levantou. Foi até Stephen e Samar, passando os braços pelo ombro das crianças. Juntos, os três atravessaram a grama cheia de lama.



Francesca parou na minha frente e tirou um marcador de página de dentro do diário de Maeve, entregando, então, o caderno a Stephen. O marcador era um retalho de tecido de listras azuis, esgarçado e desbotado.

O desejo de Maeve.

Com cuidado, Francesca amarrou-o ao meu galho mais baixo — que já estava coberto de desejos. Ficou um tempão fitando intensamente os animais. Batman e Robin ronronavam, felizes.

A multidão ficou em silêncio. O único som era o farfalhar das minhas folhas.

Por fim, Francesca falou:

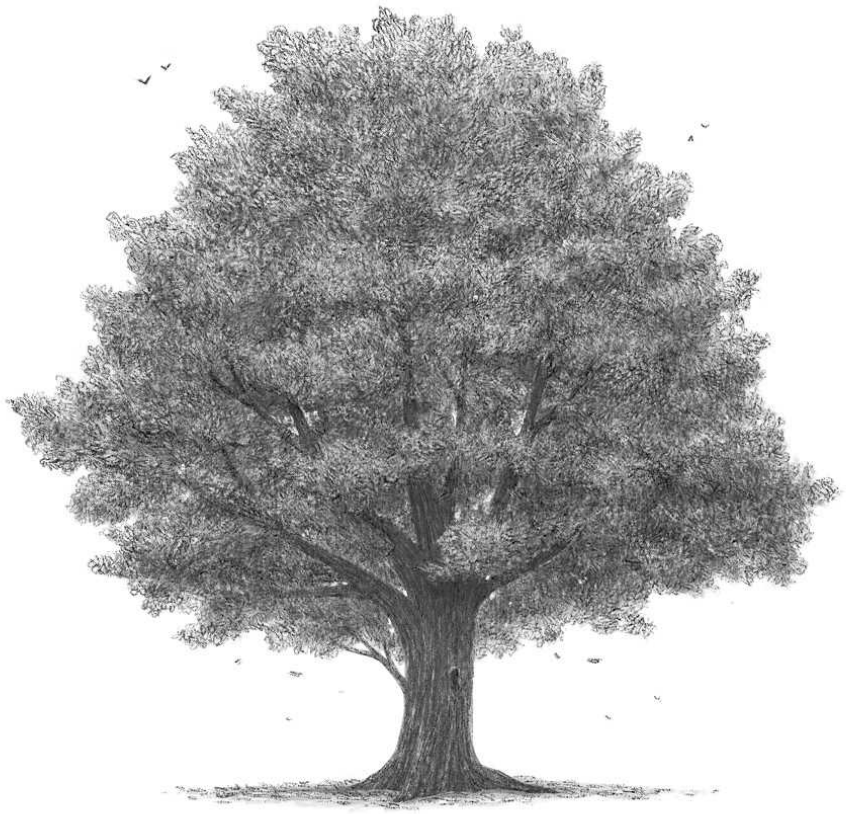
— Olha. Eu não sou muito de fazer discurso. — Deu dois tapinhas no meu tronco. — Mas é o seguinte… Até o dia de hoje, eu tinha praticamente me esquecido da importância desta velha árvore para a história da minha família. E, pelo jeito — prosseguiu, apontando para os meus moradores —, ela também é importante para várias outras famílias.

Entre a multidão, muitos sorrisos. Algumas gargalhadas.

— Odeio essa palavra — continuou Francesca, correndo os dedos pelo entalhe no meu tronco. — Odeio muito. E sei que minha tataravó Maeve teria odiado tanto quanto eu. Aqui, na nossa vizinhança, somos melhores que isso. — Seu olhar vagou até os pais de Samar. — Aqui, a gente não faz ameaças aos recém-chegados. O que fazemos, sim, é recebê-los de braços abertos.

Francesca pegou a mão de Samar.

— Esta árvore vai ficar aqui. E eu espero que sua família fique também.





Naquela noite, muitas horas depois que a multidão se dispersou, Samar saiu, na ponta dos pés, pela porta da frente da casinha azul. Stephen, que estava de prontidão espiando pela janela do quarto, veio se juntar a ela logo depois. Ficaram sentados em silêncio sob os meus galhos carregados de desejos.

Ao menor sinal da brisa, todos os cartões esvoaçavam como mariposas gigantescas. Parecia que o luar abarcava tudo: os desejos, os meus galhos, a cabeça fofa das corujinhas, os rostos de Stephen e Samar, voltados para cima. Quanta beleza havia em todos nós, ali, banhados pela suave claridade prateada…

— Será que a sua família vai continuar morando aqui? — perguntou Stephen. — Depois disso tudo que aconteceu?

— Não sei — respondeu Samar. — Espero que sim.

O vento se intensificou, fustigando os papéis. As fitas dançavam. Um pedaço de folha de caderno, preso a um dos meus galhos mais baixos com um cordão vermelho frouxo, se soltou.

Passou voando pelos dois, e Samar o pegou no ar. Franziu os olhos para decifrar os garranchos e então se levantou, amarrando outra vez o

papel no galho.

— Qual era o desejo? — perguntou Stephen.

— Alguém pediu um robô para fazer o dever de casa.

— Parece um desejo impossível.

— Com certeza.

Samar recostou-se em meu tronco, sorrindo.

— Por outro lado, também parece impossível uma árvore falar.



Se esta história fosse um conto de fadas, eu diria que uma mágica aconteceu naquele dia dos desejos. Que o mundo mudou e que vivemos todos felizes para sempre.

Mas estamos falando da vida real.

E a vida real, como um bom jardim, é uma bagunça.

Algumas coisas mudaram. Outras, não. Mesmo assim, otimista que sou, ainda tenho muita esperança no futuro.

Os pais de Samar decidiram que não vão se mudar, pelo menos por enquanto.

Stephen e Samar viraram bons amigos. Às vezes, eles vêm fazer o dever de casa à minha sombra.

Os pais deles ainda não se dão muito bem.

E não sei se isso vai mudar um dia.

A polícia nunca encontrou o menino que entalhou "FORA" no meu tronco.

No entanto, semanas atrás, eu o vi perambulando por aqui. Contei a Bongô quem ele era.

Digamos apenas que ela fez um depósito bem generoso na cabeça dele.

Todos os meus moradores voltaram e continuam sãos e salvos em suas tocas.

Às vezes ainda sai briga. Mas até hoje eles nunca tentaram devorar uns aos outros.

Francesca entrou com um pedido na prefeitura para fazer com que eles me tombem como patrimônio cultural da cidade. Isso asseguraria a minha proteção para todo o sempre.

Ela também está ficando muito próxima do encanador do bairro, que está aprendendo a lidar com as minhas raízes teimosas.

Batman e Robin ainda não aprenderam a andar de coleira.

Bongô arrumou um amigo novo. O nome dele é Harley Davidson. Suspeito que, muito em breve, nós teremos filhotinhos de corvo a caminho.

Quanto a mim, prometi a Bongô que vou abandonar meu gosto pela fofoca. Jurei que vou parar de meter as raízes no que não me diz respeito.

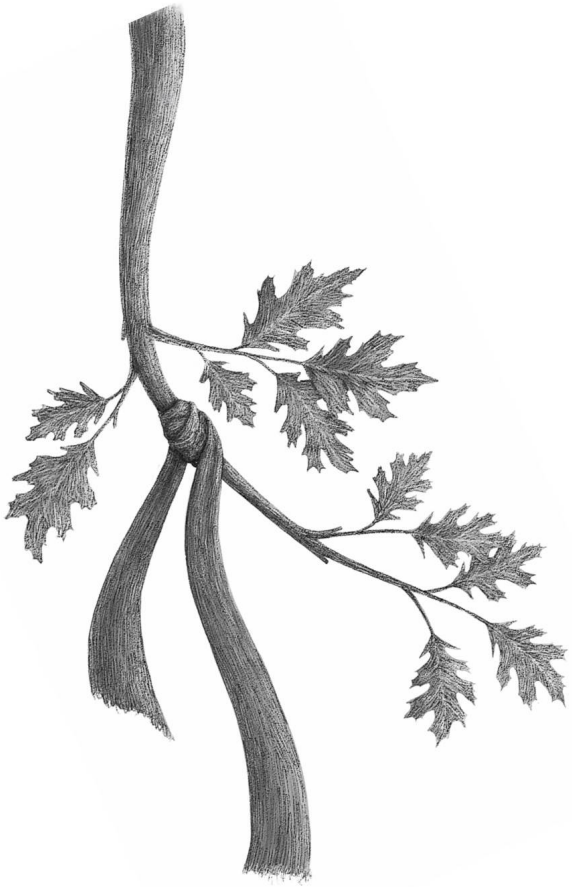
E, apesar disso, aqui estamos nós, eu e você.

Mas é assim que as coisas são. Sou mais falante que a maioria das árvores.

Mesmo assim, se algum dia você parar do lado de uma árvore com uma cara bem amigável e quiser arriscar, tente prestar atenção. Mal não vai fazer.

Árvores não sabem contar piadas.

Mas contamos ótimas histórias.





Minha eterna gratidão vai para as pessoas incríveis que fizeram crescer as raízes desta *Árvore dos desejos*.

• O maravilhoso Jon Yaged, presidente do Macmillan Children's Book Group, e Jean Feiwel, brilhante editora da Feiwel & Friends, por terem me dado um jardim.

• A equipe genial formada por Rich Deas, diretor criativo, Liz Dresner, designer sênior, e Charles Santoso, ilustrador, por dar uma belíssima vida ao mundo de Red.

• Starr Baer, minha maravilhosa editora, por todo o amor e carinho, e Gleni Bartels, minha sábia preparadora de texto, por ter a mão tão boa para a poda.

• A equipe de marketing fabulosa da MCPG: Alison Verost, Caitlin Sweeny, Mary Van Akin, Robert Brown e Tiara Kittrell; pelo entusiasmo com que, a cada estação, ajudam os livros a florescer.

• Dra. Lisa Leach, minha querida amiga genial, especialista em assuntos botânicos para todas as horas.

• Elena Giovinazzo, minha incomparável agente na Pippin Properties, por seu apoio incondicional, faça chuva ou faça sol.

• Acima de tudo, *Árvore dos desejos* não teria sido possível sem Liz Szabla, que tem "dedo verde" editorial e que me nutriu com sua sabedoria infinita para que essa história desabrochasse. No jardim caótico e colorido do mundo editorial, você é um tesouro inestimável.

• Por fim, depois de ter exaurido todo o meu jardim de metáforas, quero deixar meu amor e meus agradecimentos para minha família linda,

principalmente para Jake e Julia, meus filhos, e Michael, meu marido. Vocês são tudo o que eu sempre desejei. E muito mais.





Katherine Applegate escreveu sua primeira história aos dez anos, sobre uma porquinha chamada Alice. Desde então, não parou mais. Já publicou inúmeros livros para crianças e jovens, e, em 2013, seu livro *The One and Only Ivan* recebeu a Newbery Medal, um dos prêmios mais importantes da literatura juvenil. Assim como *Árvore dos desejos*, muitos de seus livros são narrados por personagens que não são humanos, e a escritora acredita que isso lhe permite ter uma perspectiva diferente sobre o mundo, dizer e ver coisas que de outra forma passariam despercebidas. Applegate mora na Califórnia com a família, e para ela ser escritora é a melhor profissão do mundo.

LEIA TAMBÉM



Cem
Heike Faller e Valerio Vidali



Robô Selvagem
Peter Brown



Pax
Sara Pennypacker



Extraordinário
R. J. Palacio



Coragem
Raina Telgemeier